

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

1. Escolhemos entre vidas humanas e animais

“Ofereço minhas respeitadas reverências a meu mestre espiritual que abriu meus olhos velados pela escuridão da ignorância com o archote do conhecimento.”

É comum oferecer reverências, com este verso, ao mestre espiritual que ilumina seus discípulos acerca do conhecimento transcendental. O sistema védico não requer trabalhos de pesquisa. Na cultura mundana faz-se mister mostrar erudição acadêmica com trabalhos de pesquisa, mas o sistema védico é diferente. No sistema védico o trabalho de pesquisa realiza-se completa e simplesmente na transmissão que o mestre faz ao discípulo através da sucessão discipular. Os trabalhos de pesquisa estão fora de cogitação porque os instrumentos e os meios que conduzem tais trabalhos de pesquisa são embotados e imperfeitos.

Neste estágio de nossa existência material estamos condicionados por muitas leis da natureza. Todas as almas condicionadas estão sujeitas a quatro defeitos devido à imperfeição de seus sentidos. O primeiro defeito é que a alma condicionada certamente comete erros. Não há homem que não cometa erros. Na Índia, por exemplo, Mahātmā Gandhi era tido como uma personalidade muito sagaz, mas ele também cometeu erros. Cinco minutos antes de chegar ao encontro no qual foi morto, seus associados confidenciais avisaram-no que não fosse, mas ele persistiu. Cometer erros é muito natural no estado condicionado da vida. Na verdade, o ditado popular “errar é humano” calha bem aqui.

Outra imperfeição da alma condicionada é que ela certamente ilude-se. Iludir-se significa aceitar algo que não é, tomando como real uma fantasmagoria. Todos nós temos a impressão de que somos esse corpo, mas na verdade não é assim. Aceitar que o corpo é o eu chama-se ilusão, ou *māyā*. A terceira imperfeição consiste em que as almas condicionadas têm a tendência a enganar os outros. Frequentemente ouvimos um negociante dizer: “Você é meu amigo, por isso não tirarei nenhum lucro à sua custa”. Mas na verdade sabemos que ele tira pelo menos cinquenta por cento de lucro. Há muitos exemplos ilustrativos dessa propensão a enganar. Há também muitos exemplos de mestres que na verdade não sabem nada, mas que propõem teorias com palavras como “talvez” ou “pode ser”, enquanto que na verdade estão apenas enganando seus discípulos. A quarta imperfeição é que os sentidos da entidade viva não são perfeitos. Nossa visão é tão limitada que não podemos ver nem muito longe nem muito perto. Os olhos só podem ver sob certas condições; portanto, compreende-se que nossa visão é limitada. Do mesmo modo, todos os nossos outros sentidos também são limitados. Não é possível compreender o ilimitado com estes sentidos imperfeitos e limitados. A conclusão é que o sistema védico não nos encoraja a nos esforçarmos para aprender a Verdade Absoluta com o emprego de nossos presentes sentidos, que de tantas maneiras estão condicionados. Se precisamos de conhecimento, este deve vir de uma fonte superior que não esteja condicionada por estas quatro imperfeições. Esta fonte é Kṛṣṇa. Ele é a autoridade suprema do *Bhagavad-gītā*, e todos os santos e sábios aceitam-no como a autoridade perfeita.

Os estudantes sérios da literatura védica aceitam a autoridade. Por exemplo, o *Bhagavad-gītā* não é uma apresentação erudita que surgiu depois de muita pesquisa. É o conhecimento perfeito que o Senhor Kṛṣṇa ensinou a Arjuna no Campo de Batalha de Kurukṣetra. Através dele somos informados de que em eras anteriores Śrī Kṛṣṇa também o ensinou ao deus do sol, Vivasvān, e que foi transmitido desde tempos imemoriais a partir de Vivasvān através de sucessão discipular.

“O Bem-aventurado Senhor disse: Eu ensinei esta ciência imperecível da *yoga* ao deus do sol, Vivasvān, e Vivasvān a ensinou a Manu, o pai da humanidade, e Manu, por sua vez, a ensinou a Ikṣvāku” (*Bhagavad-gītā* 4.1).

Se estudarmos o *Bhagavad-gītā* pelo método do conhecimento acadêmico ou de acordo com nossa própria especulação mental, certamente cometeremos erros. Não é possível compreender o *Bhagavad-gītā* dessa maneira. É necessário seguir cuidadosamente os passos de Arjuna. Nas eras anteriores, por causa da interpretação e da especulação mental, o verdadeiro significado do *Bhagavad-gītā* se perdeu; por isso Kṛṣṇa restabeleceu a ciência dando-a a Arjuna.

“Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na desta maneira. Mas com o passar do tempo a sucessão rompeu-se e por isso a ciência como ela é parece estar perdida. Esta antiqüíssima ciência da relação com o Supremo é proferida hoje por Mim para ti porque és Meu devoto bem como Meu amigo; portanto, tu podes compreender o mistério transcendental desta ciência” (*Bhagavad-gītā* 4.2-3).

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Assim, quem quer que siga os passos de Arjuna aproximando-se de Kṛṣṇa com um espírito de devoção, pode compreender o significado do *Bhagavad-gītā* como também o de todas as outras literaturas védicas.

Existem quatro *Vedas* – *Sama*, *R̥g*, *Yajur* e *Atharva* — e existem cento e oito *Upaniṣads*, incluindo o *Īṣopanīṣad*, o *Kaṭha Upaniṣad* e o *Taittirīya Upaniṣad*, bem como o *Vedānta-sūtra*, o *Śrīmad-Bhāgavatam* e o *Bhagavad-gītā*. Essas literaturas não se destinam a nenhuma classe de homens em particular, mas sim a toda a sociedade humana. Todas as sociedades podem tirar partido do conhecimento védico para aperfeiçoar sua vida humana. Como se indicou anteriormente, a vida humana não se destina ao gozo dos sentidos, mas à compreensão de Deus, do universo e de nossa própria identidade.

Podemos compreender pelas literaturas védicas que este mundo material é mera manifestação parcial da criação de Deus completa. A maior parte da criação de Deus se encontra no mundo espiritual dos Vaikuṅṭhas. Acima e além desta natureza material existe a natureza espiritual superior, como Śrī Kṛṣṇa afirma no *Bhagavad-gītā* (7.4-5):

*bhūmir āpo ’nalo vāyuḥ / kham mano buddhir eva ca
ahankāra itīyam me / bhinnā prakṛtir aṣṭadhā*

*apareyam itas tv anyām / prakṛtim viddhi me parām
jīva-bhūtām mahā-bāho / vayedam dhāryate jagat*

“Terra, água, fogo, ar, éter, mente, inteligência e falso ego — todos estes oito elementos em conjunto compreendem Minhas energias materiais separadas. Além desta natureza inferior, ó Arjuna de braços poderosos, há Minha energia superior, que são todas as entidades vivas que lutam com a natureza material e sustêm o universo”.

Há muitos universos materiais agrupados, e todos esses universos constituem a criação material. Além desses agrupamentos de universos materiais incontáveis está o céu espiritual, o qual também está mencionado no *Bhagavad-gītā* (15.6).

“Essa Minha morada não se ilumina pelo sol nem pela lua, nem pela eletricidade. A pessoa que a alcança nunca retorna a este mundo material”.

Essa natureza superior que está além desta natureza material é eterna. Não há notícia de que ela tivesse tido alguma vez um começo; ela não tem começo nem fim.

“Existe uma outra natureza, que é eterna e transcende esta matéria tanto manifesta quanto imanifesta. Ela é suprema e nunca é aniquilada. Quando tudo neste mundo é aniquilado, essa parte permanece como é. Esta condição suprema chama-se o imanifesto e o infalível, e é o destino supremo. Quando alguém vai ali, ele nunca mais retorna. Essa é Minha morada suprema” (*Bhagavad-gītā* 8.20-21).

A religião védica ou o *varṇāśrama-dharma* também é denominada eterna porque ninguém pode determinar o seu começo. A religião cristã tem uma história de dois mil anos, e a religião maometana tem uma história de mil e trezentos anos; mas se tentarmos remontar às origens da religião védica, não seremos capazes de encontrar seu começo. O *varṇāśrama-dharma* é aceito como a religião eterna da entidade viva. Frequentemente dizemos que Deus criou este mundo material, e isto significa que Deus existia antes do mundo. Uma vez que o Senhor existia antes desta manifestação material, Ele não está sujeito a esta criação. Se Ele ficasse sujeito às leis do mundo material, como poderia tê-lo criado? No *Bhagavad-gītā* se afirma que o Senhor é simultaneamente idêntico à Sua criação mas além disso, em Sua plenitude, existe à parte dela.

“Em Minha forma transcendental Eu penetro todo este universo. Todos os seres estão em Mim, mas Eu não estou neles. E ainda assim, tudo que é criado não repousa em Mim. Eis aqui Minha opulência mística! Embora Eu seja o mantenedor de todas as entidades vivas, e embora Eu esteja em toda parte, mesmo assim o Meu Eu é a própria fonte da criação” (*Bhagavad-gītā* 9.4-5).

Na realidade, somos todos almas espirituais e destinamo-nos a associar-nos com Deus no céu espiritual, onde há inumeráveis planetas espirituais e inumeráveis entidades vivas espirituais. Contudo, aqueles que não são aptos a viver nesse mundo espiritual são enviados a este mundo material. Esta mesma idéia Milton expressou no *Paraíso Perdido*. Embora sejamos almas espirituais, aceitamos voluntariamente este corpo material e ao aceitá-lo, aceitamos também as três espécies de misérias da natureza material. Mas não podemos determinar exatamente como e quando o aceitamos. Ninguém pode determinar a história de quando a alma condicionada começou a aceitar estes corpos materiais.

Atualmente a teoria da evolução da matéria orgânica de Darwin está muito em voga nos institutos de alta erudição, mas o *Padma Purāṇa* e outras escrituras autorizadas informam sobre a evolução espiritual da entidade viva de uma forma corpórea a outra. Este *Purāṇa* nos informa de que há 8.400.000 formas de entidades vivas, das quais 900.000 vivem na água. Só entre plantas e vegetais, há 2.000.000 de espécies. Na

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

atualidade todo mundo está dando importância à teoria de Darwin, mas na literatura védica há uma vasta informação sobre as diferentes espécies. Darwin expressa a opinião de que as espécies evoluem de formas de vida inferiores, mas esta não é toda a verdade. A alma pode progredir de formas inferiores para superiores, mas no começo da criação Kṛṣṇa criou todas as espécies, como indica o *Bhagavad-gītā* (9.7-8):

*sarva-bhūtāni kaunteya / prakṛtiṁ yānti māmikām
kalpa-kṣaye punas tāni / kalpādaḥ visṛjāmy aham*

*prakṛtiṁ svām avasṭabhya / visṛjāmi punaḥ punaḥ
bhūta-grāmam imāṁ kṛtsnam / avasāṁ prakṛter vaśāt*

“Ó filho de Kuntī ao final do milênio toda a manifestação material entra em Minha natureza, e no começo do outro milênio, através de Minha potência, Eu crio outra vez. A ordem cósmica inteira está sob Mim. Por Minha vontade ela se manifesta repetidamente, e por Minha vontade ela é afinal aniquilada”.

Todas as entidades vivas estão sujeitas às três espécies de misérias, inclusive às misérias próprias do corpo e da mente. Os animais não podem compreender que estão sofrendo, mas os seres humanos sim. Uma pessoa que não sabe que está sofrendo está em consciência animal. Os animais podem estar confinados por detrás de cercas para serem abatidos, mas eles não compreendem isso. Como seres humanos devemos estar conscientes de que estamos sofrendo as dores do nascimento, da velhice, da doença e da morte, e que nos incumbe inquirir para descobrir como evitar essas misérias. Temos sofrido desde o começo de nosso nascimento quando, como bebês, estivemos hermeticamente confinados no ventre materno durante nove meses. Após o nascimento o sofrimento continua; mesmo que a mãe tome todo o cuidado com seu filho, ainda assim o bebê chora. Por que? Porque ele está sofrendo. Ou está sendo mordido por um inseto, ou sente alguma dor de estômago, ou sofre de algum outro mal. Mas o sofrimento continua, seja qual for o caso. A criança também sofre quando é forçada a ir à escola pois não quer ir. Ela não quer estudar mas o professor lhe dá deveres mesmo assim. Se analisarmos cuidadosamente nossas vidas, verificaremos que estão cheias de sofrimento. De um modo geral as almas condicionadas não são muito inteligentes, e portanto continuam sofrendo sem jamais procurar saber a razão. No entanto, devemos compreender que há sofrimento, e que há um remédio e devemos usá-lo.

O grande sábio Ṛṣabhadeva instruiu seus filhos dessa maneira: “Meus queridos rapazes, nesta vida adquiristes esses belos corpos. Agora deveis saber que eles não estão destinados ao gozo dos sentidos como os corpos dos porcos e dos cães, mas sim à realização espiritual”. Em essência, o que Ṛṣabhadeva está dizendo é que uma vida de gozo dos sentidos destina-se a comedores de excremento como os porcos, e visto que temos uma forma de vida superior não devemos tentar imitar as formas inferiores. Recentemente, enquanto passeávamos no Central Park na cidade de Nova Iorque, ficamos admirados de ver que um grupo de jovens rapazes e moças americanos estavam ocupados em adorar porcos. Enquanto cantávamos Hare Kṛṣṇa, esse grupo de jovens cantavam: “porco! porco! porco!” Eles estavam realmente desfilando com os porcos pelo Central Park, prostrando-se ante eles e adorando-os. Eles queriam realmente que um porco se convertesse no Presidente, e que os porcos os governassem. A tais extremos chegaram essas coisas que em um festival de *hippies* em Seattle houve uma apresentação com porcos na qual os rapazes e as moças se despiram, entraram na lama e brincaram com os porcos, e dessa maneira se associaram com porcos e leitões aos quais adoravam. Tudo isso está acontecendo em um país onde os jovens têm corpos bonitos, uma grande quantidade de dinheiro e tantas outras vantagens sobre os jovens de outras nações. Como resultado de terem conseguido todas estas vantagens, eles têm simplesmente descambado para adoração de porcos. Tal adoração de porcos foi prevista há muito, muito tempo atrás e foi descrita no *Śrīmad-Bhāgavatam* o qual foi compilado há pelo menos 5.000 anos atrás. Salienta-se aqui que se deve utilizar as boas situações na vida para bons fins, não para formas degradadas de adoração.

Nas histórias védicas lemos que houveram muitos e muitos imperadores e reis exaltados que praticaram austeridades e penitências. Dhruva Mahārāja, Ambarīṣa Mahārāja e Yudhiṣṭhira Mahārāja foram todos grandes reis e opulentíssimos, mas ao mesmo tempo foram grandes sábios. Desse modo, eles constituíram um exemplo para aqueles que adquirem esta boa oportunidade de uma bela forma humana de vida com todas as facilidades para desenvolvimento econômico e boa vida. Devemos usar esta oportunidade para alcançar uma vida ainda melhor, e isto pode ser realizado através da prática de penitências. Presentemente existimos nestes corpos materiais, mas se adotarmos o processo da consciência de Kṛṣṇa nossa consciência será purificada. Embora sejam americanos ou europeus, os jovens estudantes que estão praticando voluntariamente a consciência de Kṛṣṇa estão muito satisfeitos em praticá-la. O processo não é difícil, mas sim muito agradável. Agora eles estão percebendo que a existência purificada constitui a diferença entre a

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

vida animal e a vida humana. Se purificarmos nossas existências simplesmente por seguir as regulações básicas da consciência de Kṛṣṇa (que envolvem a abstinência da relação sexual ilícita, do comer de carne, da intoxicação e do jogo de azar), elevar-nos-emos gradualmente até alcançar nossa existência espiritual, que é completamente pura. O sábio Ṛṣabhadeva disse a seus filhos que uma vez que purificassem suas existências, eles teriam felicidade ilimitada. Todos nós destinamo-nos a alcançar a paz e a felicidade, mas toda a paz e toda a felicidade que encontramos neste mundo material são limitadas. Se simplesmente purificarmos nossa existência e alcançamos a existência espiritual, experimentaremos paz e felicidade ilimitadas. O mundo espiritual não é árido ou abstrato; como se indicou anteriormente, ali há variedade. Uma parte do prazer espiritual que se experimenta nos Vaikuṅṭhas é o prazer de dançar. Lá também há moças e rapazes. Na verdade, lá não há nada semelhante à velhice, à doença, à morte ou às dores do nascimento. Se quisermos tomar parte na felicidade ilimitada, no conhecimento e na vida eterna que constituem nossa herança verdadeira no mundo espiritual, não devemos desperdiçar esta vida trabalhando duramente em troca de gozo dos sentidos ou adorando porcos. Devemos aceitar uma vida dedicada ao cultivo da consciência de Kṛṣṇa e então conseguiremos felicidade e prazer ilimitados. Esta é a essência do Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa.

2. A árdua luta pela felicidade

Nas escrituras reveladas o Senhor Supremo é descrito como *sat-cid-ānanda-vigraha*. *Sat* significa eterno, *cid* significa pleno de conhecimento, *ānanda* significa bem-aventurado e *vigraha* significa que Ele é uma pessoa. Portanto, o Senhor, ou a Divindade Suprema, ou o único e incomparável, é uma personalidade plena de conhecimento, eternamente feliz, tendo completo sentido de Sua identidade. Ninguém é igual a Ele ou maior que Ele. Esta é uma descrição concisa do Senhor Supremo.

As entidades vivas (*jīvas*) são espécimes diminutos do Senhor Supremo, e, sendo assim, manifestam em suas atividades o desejo de existência eterna, de conhecimento completo e de felicidade. Estes desejos são evidentes na sociedade humana, e nos sistemas planetários superiores (Svargaloka, Janaloka, Tapoloka, Maharloka, Brahmalo, etc). As entidades vivas gozam de uma duração de vida mais longa, de uma maior quantidade de conhecimento, e geralmente de uma existência mais bem-aventurada. Mas mesmo no planeta mais elevado deste mundo material, onde a duração da vida e o nível de prazer são milhares e milhares de vezes superiores aos da Terra, ainda existe a velhice, a doença e a morte. Conseqüentemente, o nível de tal prazer é insignificante em comparação com a bem-aventurança eterna de que se desfruta na companhia do Senhor Supremo. O serviço amoroso ao Senhor Supremo em diversos relacionamentos faz com que até mesmo o prazer do Brahman impessoal seja tão insignificante como uma gota d'água em comparação com o oceano.

Todo ser vivo deseja o grau máximo de prazer neste mundo material, e ainda assim todos são infelizes. Esta infelicidade está presente em todos os planetas superiores, apesar da duração de vida mais longa e dos níveis mais elevados de prazer e conforto.

Isto se deve à lei da natureza material. Podemos aumentar o padrão e a duração da vida até a mais alta qualidade, e ainda assim, por causa da lei da natureza material, seremos infelizes. A razão disso é que a qualidade de felicidade que é adequada para nossa constituição é diferente da felicidade que se obtém das atividades materiais. A entidade viva é uma partícula diminuta da energia espiritual superior do Senhor, que é *sac-cid-ānanda-vigraha*, portanto tem a propensão incoercível ao prazer, que é de qualidade espiritual. Para sua infelicidade, ela está tentando inutilmente saciar-se de prazer no ambiente estranho da natureza material.

Nenhum arranjo na terra pode fazer feliz um peixe que é tirado da água. Devemos proporcionar-lhe água. Da mesma maneira, a diminuta entidade viva *sac-cid-ānanda* neste universo material não pode realmente ser feliz mediante qualquer quantidade de planos concebidos por seu cérebro iludido. Portanto, deve-se dar a ela um tipo diferente de felicidade que seja espiritual em essência. Devemos ter como objetivo e ambição desfrutar da bem-aventurança espiritual e não desta felicidade temporária. Alguns filósofos afirmam que a bem-aventurança espiritual é alcançada pela negação da felicidade e da existência materiais. Talvez a negação teórica das atividades materiais, como propõe Śrīpāda Śāṅkarācārya seja efetiva para uma parte insignificante da humanidade, mas o Senhor Śrī Caitanya Mahāprabhu propôs o melhor e mais seguro método para que todos alcancem a bem-aventurança espiritual, por meio de atividades devocionais. Estas atividades devocionais podem mudar a própria face da natureza material.

A ânsia pela felicidade material se chama luxúria, e é certo que no final das contas as atividades luxuriosas terão de acabar em frustração. O corpo de uma cobra é muito frio, mas se um homem, querendo desfrutar desta frieza, se enguirlandar com uma cobra venenosa, ele será certamente morto pela picada venenosa da cobra. Os sentidos materiais são comparados a cobras; a indulgência com a felicidade material certamente matará nossa identidade espiritual. Portanto, um homem sensato deve querer descobrir a verdadeira fonte de felicidade.

No entanto, para descobrir essa fonte precisamos de algum conhecimento do que é esta felicidade. Conta-se uma história sobre um homem tolo que nunca provara cana-de-açúcar. Quando perguntou a seu amigo sobre as características da cana-de-açúcar, este lhe informou imperfeitamente que a cana-de-açúcar tem a forma de uma vara de bambu. Em conseqüência disso, ele tentou extrair caldo das varas de bambu, mas naturalmente se viu frustrado em suas tentativas. Esta é a situação das entidades vivas iludidas que na sua busca da felicidade eterna, tentam extrair felicidade deste mundo material, que é não só cheio de misérias mas também transitório e inconstante. No *Bhagavad-gītā* (8.16) se descreve que o mundo material é cheio de misérias.

“Do planeta mais elevado no mundo material até o mais baixo, todos são lugares de misérias nos quais repetidos nascimentos e mortes acontecem. Mas aquele que alcança Minha morada, ó filho de Kuntī, nunca volta a nascer”.

Ambicionar a felicidade é natural e bom, mas a tentativa de extrai-la da matéria inerte através dos assim chamados arranjos científicos é uma tentativa ilusória condenada ao fracasso. Aqueles que estão iludidos não podem compreender isto. O *Bhagavad-gītā* (16.13) também descreve como a luxúria impele a pessoa a buscar a felicidade material.

A pessoa demoníaca pensa: “Hoje tenho tanta riqueza, e ganharei mais de acordo com meus planos. Tanta coisa é minha agora e aumentará mais no futuro”.

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Esta civilização ateísta ou sem Deus é um empreendimento colossal forjado para o gozo dos sentidos; estamos, pois, todos loucos atrás de dinheiro para tentar encher esta concha vazia. Todo mundo busca dinheiro porque este é o meio de obter objetos de gozo dos sentidos. Obviamente, a perspectiva de paz em tal atmosfera dominada pelo pandemônio da corrida ao ouro, é um sonho utópico. Enquanto existir o mais insignificante vestígio de gozo dos sentidos ou de desejo de desfrutar dos sentidos, a paz permanecerá mais e mais distante. Isto porque por natureza somos todos servos eternos do Senhor Supremo e por isso não podemos usufruir nada com interesse egoísta. Portanto, é necessário que aprendamos a como empregar nossos sentidos no transcendental serviço ao Senhor, e a utilizar tudo a serviço de Seu interesse. Isto bastará para promover a paz tão desejada. Nenhuma parte do corpo pode ser por si só feliz. Ela só pode obter a felicidade e o prazer servindo ao corpo inteiro. O Senhor Supremo é o todo e nós somos as partes, mas estamos todos muito ocupados em atividades de interesse egoísta. Ninguém está disposto a servir ao Senhor. Este é o motivo básico de nosso condicionamento na existência material e de nossa resultante infelicidade.

Desde o mais elevado executivo em seu escritório no arranha-céu até o varredor de rua — todos trabalham pensando em acumular riqueza, legal ou ilegalmente. Na realidade, tudo é ilegal — pois, trabalhar em favor do próprio interesse egoísta é tão ilegal quanto destrutivo. Até o cultivo da realização espiritual em favor do próprio interesse egoísta é ilegal e destrutivo. O importante é que se deve dirigir todas as atividades para a satisfação de Kṛṣṇa e para Seu serviço.

Aqueles que não se ocupam no transcendental serviço amoroso ao Senhor Supremo pensam erroneamente que estão acumulando muito dinheiro dia após dia.

*āśā-pāśa-śatair baddhāḥ / kāma-krodha-parāyaṇāḥ
ihante kāma-bhogārtham / anyāyenārtha-saṅcayān*

“Estando atados por centenas e milhares de desejos, pela luxúria e ira, eles acumulam dinheiro através de meios ilegais para o gozo dos sentidos” (*Bhagavad-gītā* 16.12).

Conseqüentemente, embora não haja falta de dinheiro no mundo, há uma escassez de paz. Estão desviando energia humana em excesso para fazer dinheiro, pois a população em geral aumentou sua capacidade de gastar mais e mais dinheiro; mas no final das contas o resultado é que esta inflação monetária irrestrita e ilegal tem criado péssima economia em todas as partes do mundo e nos tem incitado a fabricar armas formidáveis e dispendiosas que destroem o próprio benefício desta desprezível ação de ganhar dinheiro. Os líderes dos grandes países fazedores de dinheiro não estão realmente desfrutando da paz mas sim fazendo planos para se salvarem da destruição iminente pelas armas nucleares. De fato, eles estão jogando enormes quantidades de dinheiro ao mar com os testes e experimentos destas armas terríveis. Estas experiências estão sendo levadas a cabo não só com dispêndios imensos como também a custa de muitas vidas. Dessa maneira as nações estão sendo atadas pelas leis do *karma*. Quando o impulso para o gozo dos sentidos motiva os homens, eles inutilizam todo o dinheiro que ganham, gastando-o para a destruição da raça humana. A energia da raça humana é assim desperdiçada em desacordo com as leis da natureza material por causa da aversão que o homem tem pelo Senhor, o qual é na realidade o proprietário de todas as energias.

A riqueza é adorada e denominada como a Mãe Lakṣmī, ou a deusa da fortuna. Sua posição é servir ao Senhor Nārāyaṇa, a fonte de todos os *naras* (ou seres vivos). Os *naras* também estão destinados a servir a Nārāyaṇa sob a guia da deusa da fortuna. O ser vivo não pode desfrutar da deusa da fortuna sem servir a Nārāyaṇa, e portanto quem quer que deseje desfrutá-la indevidamente será punido pelas leis da natureza. Estas leis confirmarão que o próprio dinheiro causará a destruição ao invés da paz e da prosperidade.

O dinheiro acumulado ilegalmente está sendo agora arrebatado aos cidadãos avaros através de diversos métodos de tributação estatal para o futuro fundo de guerra internacional; dinheiro que está sendo gasto de uma maneira perdulária e destrutiva. Os cidadãos já não se satisfazem com o dinheiro suficiente para manter bem sua família e cultivar o conhecimento espiritual, que são ambos essenciais na vida humana. Agora todos querem quantidades ilimitadas de dinheiro para satisfazer desejos insaciáveis. Em proporção com os desejos ilegais das pessoas, o dinheiro que elas acumulam é tomado pelos agentes da energia ilusória na forma de médicos, advogados, cobradores de impostos, sociedades, constituições, assim chamados homens santos, fome, terremotos e muitas calamidades semelhantes. Um indivíduo avaro que hesitou em adquirir uma cópia da revista “De Volta ao Supremo” gastou milhares de dólares por uma provisão de remédios durante uma semana e depois morreu. Outro homem que se recusou a gastar um centavo no serviço ao Senhor desperdiçou milhares de dólares num processo legal entre os membros de sua família. Há inumeráveis exemplos semelhantes ocasionados pelo ditame da natureza ilusória. Na verdade,

esta é a lei da natureza; se o dinheiro não é dedicado ao serviço do Senhor, ele há de ser gasto como energia desperdiçada na forma de problemas legais ou doenças. As pessoas tolas não tem olhos para ver tais fatos por conseguinte, as leis do Senhor Supremo as enganam.

As leis da natureza não nos permitem aceitar mais dinheiro do que é necessário para nossa apropriada manutenção. Há um amplo arranjo da lei da natureza para prover cada ser vivo com seu devido quinhão de alimento e abrigo, mas os desejos insaciáveis dos seres vivos têm perturbado a disposição de todas as espécies de vida que o Pai Todo-poderoso criou. Pelo arranjo do Senhor Supremo, existe um oceano de sal porque o sal é tão necessário para o ser vivo. Da mesma maneira Deus fez arranjos para que exista ar e luz suficientes, que são também essenciais. Qualquer pessoa pode obter qualquer quantidade de sal da mina natural, mas constitucionalmente não podemos tomar mais sal do que necessitamos. Se tomamos muito sal, estragamos a sopa, se tomamos pouco sal nosso alimento fica sem gosto. Por outro lado, se tomamos apenas o que necessitamos, nosso alimento é saboroso e ficamos saudáveis. Atualmente há uma grande preocupação pelo fato de que nossos recursos naturais estão se poluindo e se esgotando. Na verdade há uma ampla provisão, mas devido ao abuso e à cobiça tudo está se arruinando. O que os conservacionistas e ecologistas não entendem é que todas as coisas continuarão se deteriorando por causa dos desejos insaciáveis da humanidade, a menos que se adote este processo da consciência de Kṛṣṇa. Sem a consciência de Kṛṣṇa, não é possível existir paz em nenhum nível de existência.

Portanto, o homem sofre devido a seus desejos e luxúrias insaciáveis. Não é só o homem que está sofrendo; o planeta no qual ele reside, sua mãe Terra, representada no *Śrīmad-Bhāgavatam* pela mãe vaca, também está sofrendo. Certa vez perguntaram a um *svāmī* bem conhecido na Índia se o responsável pelos sofrimentos da humanidade é Deus ou a providência. O *svāmī* respondeu que todos estes sofrimentos eram passatempos ou *līlā* de Deus. O interrogador prosseguiu perguntando, por que estaria a entidade viva posta sob os ditames da lei do *karma*. O *svāmī* não pôde responder satisfatoriamente a estas perguntas de seus inquiridores. Os monistas e os impersonalistas, que só pensam em termos da unidade das entidades vivas com o Senhor Supremo, não podem dar respostas satisfatórias a tais perguntas. Respostas imperfeitas assim não podem satisfazer o coração de uma entidade viva.

O Senhor é descrito em todas as escrituras como *līlā-puruṣottama*, ou seja, a Personalidade de Deus, que por Sua própria natureza está sempre ocupado em passatempos transcendentais. No *Vedānta-sūtra* Ele também é descrito como *ānandamayo 'bhyāsāt*. Os monistas e os impersonalistas tentam com grande dificuldade explicar este sūtra de diversas maneiras para corroborar sua imperfeita teoria de unidade e impersonalidade. Contudo, permanece o fato de que uma pessoa não pode desfrutar de *ānanda*, prazer, sozinha. Que a variedade é a mãe do prazer é um fato bem conhecido. As cidades, por exemplo, são consideradas atrativas se contém uma variedade de coisas. As entidades vivas são atraídas naturalmente por variedade: por ruas atrativas, prédios, cinemas, parques, veículos, negócios, empregos, alimentos, etc. Apesar de toda esta variedade, o poeta inglês Cowper disse uma vez: “o homem fez a cidade, mas Deus fez o campo”. O campo também está cheio de variedade natural numa forma singela, ao passo que na cidade essa variedade se exhibe de uma maneira científica e modernizada. Poetas como Cowper se sentem atraídos pela variedade do campo, e as pessoas prosaicas que vivem na cidade se sentem atraídas pelas coloridas variedades manufaturadas pelo homem. De qualquer forma, é a variedade que atrai as pessoas tanto no campo quanto na cidade. Esta é a explicação apropriada do verso do *Vedānta-sūtra*.

Os assim chamados *svāmīs* freqüentemente se sentem atraídos pelas cidades, e muitas vezes procuram um tipo de prazer na sociedade e na amizade feminina. Geralmente eles não se sentem atraídos pela beleza natural das florestas, embora possam se fazer passar por homens que estão destinados a viver nas florestas. Esses *svāmīs* buscam variedades de prazer na matéria porque não têm informação da variedade da vida espiritual. Por um lado eles desfrutam da variedade material, e por outro negam a variedade espiritual no Absoluto.

Por estarem comprometidos com, a teoria do monismo ou do impersonalismo, eles negam que tudo que possa pertencer à matéria pode pertencer ao espírito também. Segundo eles, o espírito é a negação da matéria. De qualquer modo, o fato é que o espírito não é uma negação da matéria, mas a matéria é um reflexo pervertido do espírito.

O verdadeiro prazer da variedade existe no espírito sem a relatividade ilusória. Por outro lado, a matéria inerte, em associação com o espírito dinâmico, manifesta uma representação falsa ou um reflexo pervertido da genuína variedade espiritual que a classe monista dos ditos *svāmīs* nega tão obstinadamente.

Como se afirmou anteriormente o Senhor Supremo é *sac-cid-ānanda-vigraha*, alegre por natureza, e de tal modo Ele Se expande através de Suas diferentes energias, partes e porções plenárias diferenciadas. O Senhor Supremo é a Verdade Absoluta, e Ele é único e incomparável, mas Ele também abrange Suas diferentes energias, partes e porções plenárias, que são simultaneamente iguais a Ele e diferentes dEle. Por

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Ele ser alegre por natureza, Ele Se expande de diversas maneiras, e as atividades dessas expansões são denominadas Seus passatempos transcendentais ou Sua *līlā*. Contudo, estes passatempos não são inertes e sem finalidade; eles manifestam pleno sentido, independência e liberdade da ação e da reação. As complexidades das ações e reações das diversas energias da Verdade Absoluta constituem o tema de uma grande ciência denominada a ciência transcendental de Deus, e o *Bhagavad-gītā* é o ABC ou o livro primário de conhecimento para estudantes interessados nesta ciência. Todo ser humano inteligente deve se interessar por esta ciência transcendental; na verdade, de acordo com as opiniões dos sábios, a vida humana está destinada unicamente a aprender esta ciência. As palavras de abertura do *Vedānta-sūtra* proclamam: “Agora é tempo de indagar sobre o Brahman”.

A vida humana é por natureza cheia de sofrimento, e as formas de vida inferiores são ainda mais miseráveis. Qualquer homem sensato com um juízo propriamente discriminativo pode compreender que a vida no mundo material está cheia de misérias e que ninguém está livre das ações e reações dessas misérias. Esta não é uma visão pessimista da vida mas é um fato real de que não devemos nos descuidar. As misérias da vida dividem-se em três categorias, a saber: as misérias que se originam do corpo e da mente, as misérias que se originam de outras entidades vivas, e as misérias que se originam devido a calamidades naturais. Um homem sensato deve cuidar de eliminar essas misérias e desse modo tornar-se feliz na vida. Pelo menos inconscientemente, todos nós estamos tentando alcançar a paz e a libertação dessas misérias. Nos círculos intelectuais elevados as pessoas tentam livrar-se dessas misérias através de planos e projetos engenhosos. Mas o poder que frustra todos os planos e projetos até mesmo da pessoa mais inteligente é o poder de Māyādevī, ou seja, a energia ilusória. A lei do *karma* (ou o resultado de todas as ações e reações no mundo material) é controlada por esta energia ilusória todo-poderosa. As atividades desta energia funcionam de acordo com princípios e regulações, e agem conscientemente sob a direção do Senhor Supremo. A natureza faz tudo com plena consciência; nada é acidental ou sem finalidade. Esta energia material também se chama Durgā, porque indica uma força muito difícil de sobrepujar. Ninguém pode sobrepujar as leis de Durgā com qualquer quantidade de planos infantis.

Livrar-se dos sofrimentos da humanidade é um assunto simultaneamente muito difícil e muito fácil. Enquanto as almas condicionadas, que estão elas mesmas atadas pelas leis da natureza, manufaturarem planos para se livrar destas três classes de misérias, não haverá solução. A única solução efetiva mencionada no *Bhagavad-gītā*, e temos de adotá-la na prática da vida para nosso próprio benefício. Nos passatempos do Senhor Supremo não encontramos as três classes de misérias da natureza material. Como se mencionou anteriormente, Ele é eternamente feliz e Seus passatempos transcendentais não são diferentes dEle. Por Ele ser a Verdade Absoluta, Seu nome, Sua fama, Sua forma, Suas qualidades e Seus passatempos são todos idênticos a Ele. Portanto, Seus passatempos não podem ser equiparados aos sofrimentos da humanidade, como querem afirmar os ditos *svāmīs*. Os passatempos do Senhor Supremo são transcendentais às misérias e sofrimentos verdadeiros dos seres humanos.

O abuso do poder de escolha ou a pequena independência que se dá às almas individuais causam os sofrimentos da humanidade. Os *svāmīs* fraudulentos ou especuladores mentais, para permanecerem coerentes com a teoria do monismo, têm que fazer passar as misérias da humanidade por passatempos de Deus, mas na verdade estas misérias são apenas os devidos castigos que Māyādevī inflige às almas condicionadas desorientadas.

Como entidades vivas, somos partes integrantes do Senhor Supremo. Na verdade, pertencemos realmente à Sua energia superior. Assim, podemos ingressar em Seus passatempos transcendentais em nosso estado de vida não condicionado, mas enquanto estamos condicionados pelas leis do *karma*, em contato com a energia material, nossos sofrimentos são nossas próprias criações, que nascem de um grosseiro abuso de nossa pequena independência. Os monistas impersonalistas desencaminham as pessoas argumentando que as três classes de misérias são uma parte dos passatempos do Senhor. Tais impersonalistas e monistas desencaminham seus seguidores porque pensam incorretamente que o Senhor Supremo e as almas individuais são iguais em todos os aspectos. É verdade que em qualidade as almas individuais são iguais ao Senhor Supremo, mas não em quantidade. Se a alma individual fosse quantitativamente igual ao Senhor Supremo, ela jamais estaria sujeita às leis da natureza material. A natureza material está subordinada à vontade do Senhor Supremo, e portanto Ele não pode estar sujeito às leis da natureza material. É contraditório para o Senhor estar sujeito às leis de Sua própria energia inferior.

“Ó conquistador de riquezas (Arjuna), não há verdade superior a Mim. Tudo repousa em Mim, assim como as pérolas são ensartadas em um cordão” (*Bhagavad-gītā* 7.7).

Novamente, Śrī Kṛṣṇa afirma: “Iludido pelos três modos (bondade, paixão e ignorância), o mundo inteiro não conhece a Mim que estou além destes modos e sou inesgotável” (*Bhagavad-gītā* 7.13).

As almas individuais, que são colocadas nas misérias do mundo material, sofrem as reações resultantes

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

de suas atividades não autorizadas. Este é o veredicto do *Bhagavad-gītā* (16.19): “Aqueles que são invejosos e malévolos, que são os mais baixos entre os homens, Eu os arrojarei no oceano da existência material, em diversas espécies demoníacas de vida”.

As partes integrantes estão destinadas a servir ao todo. Quando abusam de sua independência elas ficam sujeitas às misérias das leis da matéria, exatamente como os criminosos estão sujeitos à ação da polícia. O Estado considera que seus cidadãos são suas partes integrantes, e quando um cidadão abusa de sua independência relativa, o Estado o entrega à autoridade policial. A vida de um cidadão fora da prisão e a vida de um cidadão dentro da prisão não são a mesma coisa. De modo semelhante, os sofrimentos das entidades vivas dentro da prisão da natureza material não podem ser equiparados aos passatempos do Senhor Supremo que existem na liberdade absoluta de *sac-cid-ānanda*.

Nenhum governo quer que seus cidadãos procedam de tal modo que devam ser presos e sofrer atribuições. A prisão é indiscutivelmente construída pelo governo do Estado, mas isto não significa que o governo esteja ansioso por ver seus cidadãos dentro dela. Indiretamente, os cidadãos desobedientes forçam o governo a construir a prisão. Ela não é feita para o prazer do governo, que tem de gastar uma grande quantidade de dinheiro para construí-la e mantê-la. Pelo contrário, o governo teria muito prazer em demolir todas as prisões caso não houvesse cidadãos desobedientes ao Estado. Do mesmo modo, o Senhor Supremo criou este mundo material, mas o Senhor Supremo não deseja que as entidades vivas estejam postas nele. As próprias entidades vivas tomam esta decisão. Por conseguinte, os residentes deste mundo material diferem daqueles que se ocupam eternamente nos passatempos transcendentais do Senhor Supremo.

Os monistas impessoais não têm informação da vida independente e completamente desenvolvida no reino espiritual eterno. Segundo eles, o reino espiritual é simplesmente vazio. É a mesma coisa que prisioneiros pensarem que não há vida fora da prisão. A vida fora de uma prisão está certamente livre de todas as atividades da prisão, mas não é desprovida de atividades. A alma é eternamente ativa por natureza, mas os impersonalistas tentam negar as atividades da alma no reino espiritual. Assim, eles compreendem erroneamente que as misérias da vida na prisão são os passatempos do Senhor Supremo. Isto se deve a seu pobre fundo de conhecimento.

O Senhor Supremo não cria jamais as ações e reações de uma alma individual, O *Bhagavad-gītā* (5.14-15) define esse assunto claramente da seguinte maneira: “O espírito corporificado, mestre da cidade de seu corpo, não cria atividades, não induz as pessoas a agirem nem cria os frutos das ações. Tudo isto se desenvolve pelos modos da natureza material. Nem tampouco o Espírito Supremo assume, as atividades pecaminosas ou piedosas de ninguém. Entretanto, os seres corporificados estão confusos por causa da ignorância que encobre seu conhecimento verdadeiro”.

Estes trechos deixam claro que não se pode comparar os sofrimentos da humanidade com os passatempos do Ser Supremo, e que tampouco o Ser Supremo é responsável por eles. O Senhor jamais é responsável pelos vícios ou virtudes de ninguém. Se praticamos ações viciosas, somos postos em condições cada vez mais aflitivas, enquanto que a prática de ações piedosas nos situa no caminho da felicidade. Desse modo, o homem é o arquiteto de suas próprias aflição ou felicidade materiais. O Senhor não quer que a entidade viva se envolva nas reações das atividades, quer sejam boas ou más. Ele quer simplesmente que todos voltem para casa, de volta ao Supremo. Se não despertarmos para nossa relação eterna pura com Deus, estaremos certamente confusos em nossas ações. Com respeito ao certo e ao errado, todas as nossas ações são executadas na plataforma da ignorância. Devemos elevar-nos à plataforma do conhecimento puro, que é a realização pura de que somos os servos eternos do Senhor Supremo e os desfrutadores de Seus passatempos transcendentais. O Senhor Supremo é o amo desfrutador destes passatempos, e nós somos os servos desfrutadores.

Como se descreve no *Bhagavad-gītā* (10.10), só se pode alcançar o conhecimento transcendental através do serviço devocional transcendental: “Para aqueles que constantemente se devotam e Me adoram com amor extático, Eu dou a compreensão com a qual eles podem vir a Mim”.

Só podemos conhecer o Senhor Supremo como Ele é prestando esse serviço devocional, e não através da mera aquisição de urna carga de conhecimento discriminativo. Quando conhecermos realmente a Personalidade de Deus, poderemos então entrar em Seus passatempos. Este é o veredicto de todas as escrituras reveladas.

3. Por uma sociedade pacífica

śrī-bhagavān uvāca

*idam śarīram kaunteya / kṣetram ity abhidhīyate
etad yo vetti tam prāhuḥ / kṣetrajñāḥ iti tad-vidaḥ*

“O Senhor Supremo disse: Este corpo, ó filho de Kuntī, chama-se o campo, e aquele que conhece este corpo chama-se o conhecedor do campo” (*Bhagavad-gītā* 13.2).

A Suprema Personalidade de Deus, Kṛṣṇa, está instruindo a Arjuna sobre o conhecimento do *kṣtra* e do *kṣetrajñā*. O *kṣtra* se refere ao campo, que é o corpo, e o *kṣetrajñā* se refere ao conhecedor do campo, que é a alma individual. Se a terra tem de ser cultivada, é certo que existe um agricultor, e se este corpo, que é comparado a um campo, tem de ser cultivado, certamente há um proprietário que possa cultivá-lo. Agora que temos estes corpos materiais é nosso dever cultivá-los apropriadamente. Este cultivo se chama *karma* ou trabalho. Uma pessoa pode vir até nosso sítio com uma enxada para cultivar a terra, ou pode vir simplesmente para tomar café ou chá. Recebemos este tipo de corpo particular para cultivar e alcançar os objetos dos sentidos requeridos de acordo com nossos desejos. Este corpo é um presente de Deus. Deus é muito bondoso, e se alguém quer algo dEle, Ele concede. “Está bem”, diz Ele, “tome”. Sua relação conosco é exatamente como a relação de um pai com um filho. O filho pode insistir em obter algo do pai, e o pai pode tentar convencê-lo de que o que ele quer não é para o seu bem, dizendo: “Meu querido filho, não toque nisto. Isto não é bom para você”. Mas se o filho insistir, o pai permitirá que ele o obtenha. O pai afetuoso dá ao filho apenas o que ele quer. Analogamente, o Pai Supremo dá a Seus filhos e filhas apenas o que eles querem. Está afirmado no *Bhagavad-gītā* (14.4) que todos os seres, em todas as espécies de vida, são Seus filhos.

“Deve-se compreender que todas as espécies de vida aparecem devido a seu nascimento nesta natureza material, e que Eu sou o Pai que dá a semente”.

Neste mundo material, a mãe, *prakṛti*, que é a natureza material, nos concede o corpo, e o Pai Supremo fecunda esta matéria com almas vivas. Atualmente há uma teoria errônea de que apenas os seres humanos têm alma e que as outras entidades vivas não têm, mas compreendemos com a autoridade védica que há mais de oito milhões de espécies de corpos, incluindo as plantas e as árvores, e que todas elas têm almas, pois de outro modo elas não poderiam se desenvolver e crescer. Neste verso Śrī Kṛṣṇa proclama que todas as entidades vivas, sem levar em conta as formas que tomaram neste mundo material, são Seus filhos e que elas se relacionam com Ele como um filho se relaciona com seu pai.

Esta consciência de Kṛṣṇa se destina especialmente a compreender a posição da alma e sua relação com Deus.

“Ó filho de Bharata, deves compreender que Eu também sou o conhecedor dentro de todos os corpos, e compreender este corpo e seu proprietário chama-se conhecimento. Este é o Meu veredicto” (*Bhagavad-gītā* 13.3).

Se refletirmos sobre este corpo e examinarmos se realmente somos ou não somos o corpo, chegaremos à conclusão de que somos e *kṣetrajñā*, o conhecedor do corpo, e não o corpo. Se examinarmos nosso dedo e considerarmos se somos ou não o dedo, chegaremos a conclusão de que não somos nem o dedo nem qualquer outra parte do corpo, mas que o dedo, os braços, as pernas, a cabeça, etc., são *nossos* dedos, braços, pernas, etc. Dessa maneira podemos chegar à conclusão de que não somos esses corpos mas que os corpos pertencem a nós. Por isso dizemos: “Este é meu corpo. Lamentavelmente, as pessoas desta civilização moderna nunca param para indagar o quê e quem elas são. Esforçam-se e trabalham duramente o dia inteiro em um escritório ou numa fábrica, sob a impressão de que “eu sou este corpo”. E se perguntarmos às pessoas quem elas são, elas respondem: “eu sou hindu, eu sou muçulmano, eu sou sueco, eu sou brasileiro, eu sou americano, eu sou cristão”, etc. Estas são diversas identificações ou designações do corpo, mas o fato é que não somos esses corpos. O corpo é simplesmente o campo de nossas atividades. Nós não somos o corpo do mesmo modo que o cultivador de um campo não é o campo.

Há diferentes tipos de corpos e diferentes atividades em conformidade com os diferentes tipos de corpos. Um cachorro goza de um tipo de atividade, um gato goza de outra, e um ser humano goza de outra. Há diferenças de atividades devido a diferenças de corpos. Contudo, quando alcançamos a plataforma da verdade e compreendemos que não somos esses corpos, então nossas atividades mudam de materiais para espirituais. Enquanto atuamos sob a concepção corpórea de vida, nossas atividades são materiais. Mas tão logo compreendamos que: “não pertencemos a este corpo, *aham brahmāsmi*, sou alma espiritual”, nossas atividades serão de acordo com essa realização, isto é, elas deixarão de ser motivadas a partir da plataforma material ou corpórea. O conhecimento de que nossa identidade propriamente dita é separada do corpo é o verdadeiro conhecimento, mas enquanto nos mantemos presos à identificação corpórea recusamos este conhecimento.

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Nas escrituras se diz que enquanto estivermos nesta concepção corpórea de vida, todas as nossas atividades fracassarão. Uma criança nasce na ignorância, e, se à medida que cresce permanece sob a concepção corpórea de vida, ela vive na escuridão. Sua posição é a de um *sūdra*. Nas literaturas védicas encontramos que nesta era todos nascem *sūdras*; por conseguinte, é necessário que todos sejam educados quanto a sua identidade real. Contudo, se permaneceremos satisfeitos com o nascimento que obtivemos de nosso pai e nossa mãe, permaneceremos em nossa condição de *sūdra*. Temos que nos elevar à plataforma bramânica seguindo os processos purificatórios.

Como se mencionou anteriormente, uma vida impura tem quatro características básicas: sexo ilícito, intoxicação, comer de carne e jogo de azar. De acordo com os princípios védicos, não devemos nos entregar ao sexo fora do casamento. Por isso, na sociedade humana há um sistema de casamento que nos distingue dos gatos e dos cães. Quer sejamos hindus, muçulmanos ou cristãos, reconhecemos o sistema de casamento. O propósito deste sistema é evitar o sexo ilícito. De acordo com o sistema védico, também se desaconselha a intoxicação; tampouco se permite comer carne, pois os seres humanos devem ser não violentos. Recebemos suficientes grãos, frutas, leite e vegetais, e não há necessidade de matar os pobres animais. Algumas pessoas argumentam que se não comeremos carne ficaremos desnutridos, mas podemos ver que os estudantes deste Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa deixam de comer carne e são muito saudáveis, enquanto que as pessoas que comem carne, apesar disso, ainda estão sujeitas a muitas doenças e condições doentias. Também se desaconselha o jogo de azar porque só causa agitação da mente.

Este é portanto o processo purificador através do qual a pessoa pode converter-se num *brāhmaṇa*. Este caminho está aberto para todos. Um *brāhmaṇa* é aquele que é veraz e puro, tolerante e simples, cheio de conhecimento e fé em Deus. Além disso, ele pode controlar sua mente e seus sentidos. No momento atual há uma grande necessidade de *brāhmaṇas*, porque quase todos são *sūdras*, já que quase todos se ocupam totalmente em manter o corpo, comer, dormir, acasalar-se e defender-se — todos sintomas de animais e *sūdras*.

Se não houver quatro divisões de seres humanos funcionando em comum harmonia, a sociedade não poderá ser pacífica. Estas quatro divisões compreendem os *brāhmaṇas*, os *kṣatriyas*, os *vaiśyase* e os *sūdras*. Kṛṣṇa as discute no *Bhagavad-gītā* (4.13) dessa maneira:

“As quatro divisões da sociedade humana foram criadas por Mim, de acordo com os três modos da natureza material e o trabalho atribuído a elas. E, embora Eu seja o criador deste sistema de trabalho, deves saber que Eu, sendo imutável, não trabalho”. Estas quatro divisões de homens na sociedade humana são naturais, não são artificiais, porque no mundo material todas as coisas atuam sob a influência dos três modos da natureza material — bondade, paixão e ignorância. Uma vez que estamos no mundo material, não é possível classificar todos na mesma categoria porque cada pessoa trabalha sob a influência dos diferentes modos da natureza material. Não obstante, quando transcendemos o plano material, acontece a unidade. Nessa altura, põem-se de lado todas as divisões. Portanto, o problema é como transcender os modos da natureza material, e essa transcendência é o próprio processo da consciência de Kṛṣṇa. Logo que nos situamos na consciência de Kṛṣṇa, transcendemos os modos da natureza material.

“Aquele que se ocupa completamente em serviço devocional, que não cai em nenhuma circunstância, transcende imediatamente os modos da natureza material e desse modo, chega ao nível de Brahman” (*Bhagavad-gītā* 14.26).

Assim, alguém que se ocupa em atividades conscientes de Kṛṣṇa se eleva imediatamente à posição transcendental. Por natureza nós não somos matéria mas sim Brahman (*aham brahmāsmi*). A filosofia de Śāṅkarācārya se baseia principalmente no princípio de que não devemos pensar que somos produtos desta natureza material. É devido a algum acidente lamentável que estamos em contato com a natureza material. Na realidade, nossa natureza é espiritual, Brahman, e temos que invocar esta natureza. Esta vida material é um estado doentio; quando nos situamos no Brahman, estamos em nossa condição saudável. Tão logo nos ocupemos cem por cento na consciência de Kṛṣṇa alcançamos imediatamente esta condição Brahman saudável.

Quando transcendemos a natureza material ao prestar serviço a Kṛṣṇa, qual é o nosso status? Convertemo-nos acaso em zero? Alguns filósofos afirmam que após a liberação da vida material, depois do *nirvāna* deste corpo material, convertemo-nos em zero, em vazio. Esta teoria é perigosa. Por natureza, a entidade viva não se sente atraída pelo zero. Podemos estar doentes e sofrendo sob muitos aspectos, mas se nosso médico vier e disser: “Deixe-me matá-lo para acabar com seus padecimentos”, diremos imediatamente: “Não, não! É melhor deixar-me sofrer da doença”. Não queremos ser mortos simplesmente para acabar com nossas misérias. Desse modo, a teoria de que após a vida material há um vazio não é de modo algum atrativa. Nem tampouco é um fato. Nós somos *sac-cid-ānanda-vigraha* — eternos, bem-aventurados e plenos de conhecimento — e partes integrantes do Supremo. O Senhor Supremo é *sac-cid-*

ānanda-vigraha e nós somos qualitativamente iguais a Ele. Embora seja muito pequena, um gota de água do mar é tão salgada quanto o mar, e embora sejamos apenas átomos espirituais, temos as mesmas propriedades que o Supremo Espírito Total. Não é possível ser vazio, pois como entidades vivas nossos atributos espirituais existem, todos em infinitas variedades. Contudo, se por frustração na existência material cometemos suicídio, não acabamos com as nossas misérias. Simplesmente criamos outras misérias. Se uma pessoa tenta o suicídio mas não é bem sucedida, ou se volta à vida de algum modo, ela está sujeita a ser punida pela lei do Estado. Analogamente, as leis da natureza consideram os suicídios como atos criminosos. Devemos acabar com esta vida material só depois de descobrir a verdadeira e bem-aventurada vida de eternidade. Não devemos tentar em absoluto acabar com as misérias da vida simplesmente por frustração, mas devemos nos ocupar em atividades que nos elevem à vida espiritual.

Śrī Kṛṣṇa criou as quatro divisões da sociedade humana para facilitar este processo de elevação. Assim como um estudante se eleva de uma classe inferior a uma classe de pós-graduação as divisões de trabalho (*cātur-varṇyam*) são criadas para nos elevar dos estágios inferiores de consciência ao estágio de consciência mais elevado, à consciência de Kṛṣṇa. Este processo é um processo de cooperação. No corpo humano a parte mais importante é a cabeça, depois os braços, a barriga e as pernas. Embora se considere a cabeça a parte mais importante, não é possível negligenciar as pernas ou qualquer outra parte. Do mesmo modo, nas divisões da sociedade humana nenhuma divisão é importante, com a exclusão das demais. Destas divisões, os *brāhmaṇas* são considerados a classe intelectual, a classe de mestres; os *kṣatriyas* são a classe administrativa e militar; os *vaiśyas* são a classe mercantil e agrícola; e os *śūdras* são a classe de operários comuns. Numa sociedade devidamente orientada, todas estas classes são necessárias. Se elas cooperarem em seu progresso em direção à consciência de Kṛṣṇa, não haverá conflito entre elas.

No status social atual, verificamos que nos enquadrados dentro de uma dessas quatro divisões, mas que não há nenhuma cooperação entre elas. Todos estão descontentes. Hoje em dia há um grande conflito entre a classe capitalista e a classe trabalhadora porque não há nenhum acordo entre eles. Há apenas fricção. Todo este conflito entre as classes se deve à falta de consciência de Kṛṣṇa. Na verdade, não há nem sequer uma possibilidade de cooperação a menos que haja consciência de Kṛṣṇa. A consciência de Kṛṣṇa é absolutamente essencial para harmonizar todas as facetas da sociedade humana. Não importa a que classe pertencamos, se cooperarmos na consciência de Kṛṣṇa, haverá paz no mundo.

Desse modo, a consciência de Kṛṣṇa é de necessidade extrema para todas as classes da sociedade. Cada capítulo e cada conclusão do *Bhagavad-gītā* objetivam a consciência de Kṛṣṇa. Śrī Kṛṣṇa, que fala o *Bhagavad-gītā*, está sempre salientando a devoção ao Seu Eu pessoal.

“Pensa sempre em Mim e converte-te em Meu devoto. Adora-Me e oferece tuas homenagens a Mim. Desse modo virás a Mim sem falta. Eu te prometo isto porque és Meu amigo muito querido” (*Bhagavad-gītā* 18.65).

Do princípio ao fim do *Bhagavad-gītā*, verificamos que se dá muita ênfase a esta palavra *mām*. *Mām* significa “a Mim”, que significa “a Kṛṣṇa”. Mas há muitos canalhas que interpretam que este *mām* significa “todo o mundo”. Quando digo “traga-me um copo d’água”, isto significa que eu quero que você traga um copo d’água para todo o mundo? A individualidade existe, mas através de jogo de palavras eles interpretam que “Me” ou “Eu” significam “todos” ou “todo o mundo”. Conseqüentemente, quando Kṛṣṇa diz “Eu”, os canalhas identificam este “Eu” com eles mesmos. Esta é uma interpretação errada e grosseira. Embora seja muito popular no mundo inteiro, o *Bhagavad-gītā* não tem sido compreendido corretamente por causa desta interpretação errada dos eruditos mundanos.

O *Bhagavad-gītā* explica claramente que Kṛṣṇa estabeleceu este sistema *cātur-varṇyam*, mas que Ele está fora do sistema. Quando Kṛṣṇa vem como uma encarnação, Ele não vem como membro de alguma ordem social, nem como um *brāhmaṇa* ou alguma outra coisa. Quando Kṛṣṇa veio, Ele veio como o filho de Devakī e Vasudeva. Vasudeva pertencia à família real e portanto era um *kṣatriya*. Assim, Kṛṣṇa desempenhou o papel de um *kṣatriya*, mas isto não significa que Kṛṣṇa pertencia à classe *kṣatriya*. Existem muitas encarnações de Kṛṣṇa em muitas formas de vida. Em uma encarnação Ele apareceu como um peixe, como um membro da comunidade de peixes, mas isto não significa que Ele é um peixe. Se, ao virmos um peixe, e pensarmos que ele pertence à família de Kṛṣṇa, estamos enganados. Certamente que de outro ponto de vista tudo é Kṛṣṇa, mas Kṛṣṇa está à parte de todas as coisas. Esta é a natureza transcendental de Kṛṣṇa, e se a compreendermos estaremos liberados do nascimento e da morte. Embora Kṛṣṇa tenha estabelecido as quatro divisões da sociedade humana. Ele não está em nenhuma delas (*tasya kartāram api mām viddhy akartāram avyayam*). Tão logo compreendamos que Kṛṣṇa não é um *kṣatriya*, embora tenha nascido numa família *kṣatriya*, nos liberamos realmente. Se pensamos que porque Kṛṣṇa age de certa maneira particular — como no campo de batalha Ele deu instruções a Arjuna para lutar — Ele é atado pelas reações de Suas atividades, estamos enganados. Śrī Kṛṣṇa diz: “Os trabalhos não Me corrompem”.

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Concluindo, devemos aceitar o fato de que quando Kṛṣṇa aparece como um de nós, Ele não é realmente “um de nós”. Ele é transcendental. Devemos aprender este fato indagando submissamente das fontes autorizadas, tais como o *Bhagavad-gītā* ou um mestre espiritual que seja completamente realizado na consciência de Kṛṣṇa.

Hoje em dia todas as classes da sociedade humana pensam que seu interesse pessoal está em manter este corpo. Conseqüentemente, a sociedade de hoje nada mais é que uma sociedade de gatos, cachorros e porcos. Podemos compreender através das literaturas védicas que não temos que trabalhar duramente o dia inteiro simplesmente para manter este corpo. Trabalhamos duramente porque estamos tentando controlar a natureza material com o fim de satisfazer os sentidos. Aquele que pode chegar a compreender que Kṛṣṇa é a raiz de todas as coisas, a origem de tudo, pode compreender o significado de *īśvaraḥ paramaḥ kṛṣṇaḥ* — Kṛṣṇa é o controlador supremo. No universo há muitos *īśvaras* (ou controladores) mas entre todos eles Kṛṣṇa é o supremo. A consciência de Kṛṣṇa nos dá este conhecimento, sem o qual permaneceremos ignorantes de nosso verdadeiro interesse pessoal.

A sociedade moderna tem uma necessidade extrema de pessoas intelectuais ou *brāhmaṇas* que possam difundir o verdadeiro conhecimento espiritual em todas as partes do mundo. Esta é uma necessidade absoluta para uma sociedade que trabalha duro simplesmente para explorar a natureza. Se as pessoas tentarem compreender este Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa cientificamente e filosoficamente, com o melhor de seu entendimento e bom senso, e tentarem cooperar, haverá paz em todas as partes do mundo. Em essência, o método é muito simples. Precisamos apenas cantar Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare, e seguir os princípios regulativos mencionados anteriormente. Seguindo os princípios regulativos, estaremos evitando os quatro pilares da vida pecaminosa, e cantando o *mantra* Hare Kṛṣṇa estaremos nos associando constantemente com Deus; assim, haverá paz entre todas as classes de homens.

4. Conhecendo Kṛṣṇa como Ele é

Não necessitamos de nenhuma qualificação elevada para oferecer preces à Suprema Personalidade de Deus: qualquer que seja nossa posição social ou intelectual, podemos oferecer preces. Não temos de ser muito eruditos ou instruídos, nem temos de apresentar nossas preces com palavras meticulosamente selecionadas, poéticas, retóricas ou metafóricas. De nada disso há necessidade, embora seja muito bom se houver. Temos simplesmente que expressar nossos sentimentos, mas para podermos fazer isso temos que ter conhecimento de nossa posição. Uma vez que tenhamos conhecimento de nossa posição, podemos expressar sincera e automaticamente os nossos sentimentos.

Qual é a nossa posição? Isto nos foi ensinado pelo Senhor Caitanya Mahāprabhu, que em Sua prece nos ensina como orar:

*na dhanam na janam na sundarīm / kavītām vā jagad-īśa kāmaye
mama janmani janmanīśvare / bhavatād bhaktir ahaitukī tvayi*

“Ó Senhor Todo-poderoso! Não tenho desejos de acumular riquezas, nem desejo desfrutar de belas mulheres, nem desejo seguidores. O que desejo apenas é poder estar a Vosso serviço devocional sem causa na minha vida — nascimento após nascimento” (*Śikṣāṣṭaka*, 4).

Nesta prece a palavra *jagadīśa* significa o “Senhor do universo”. *Jagat* significa universo e *īśa* significa Senhor. Quer sejamos hindus, muçulmanos ou cristãos ou seja o que for, devemos admitir que este universo tem um controlador supremo. Alguém que tenha fé em Deus não pode negar isto. Devíamos ter a convicção de que nosso Pai Supremo é Jagadīśa, ou o Senhor do universo inteiro. Só o Senhor Jagadīśa está controlando; todas as outras pessoas são controladas. Contudo, os ateus não gostam deste termo porque gostam de pensar que estão controlando, mas na verdade este não é o caso. Todos os seres no mundo material estão sujeitos aos três modos da natureza material — bondade, paixão e ignorância — mas o Senhor Supremo está acima desses modos.

*tribhir guṇamayair bhāvair / ebhiḥ sarvam idam jagat
mohitam nābhijānāti / mām ebhyaḥ param avyayam*

“Iludidos pelos três modos (bondade, paixão e ignorância), o mundo inteiro não conhece a Mim que estou além desses modos e sou inesgotável” (*Bhagavad-gītā* 7.13).

O *Brahma-saṁhitā* também nos informa a respeito de Jagadīśa, o Supremo. Nesta obra o Senhor Brahmā diz que o controlador supremo é o próprio Senhor Kṛṣṇa (*īśvaraḥ paramaḥ kṛṣṇaḥ*). A palavra *īśvaraḥ* significa o controlador e a palavra *paramaḥ* significa o supremo. Dentro dos devidos limites, todos nós somos controladores até certo ponto. Se não temos nada para controlar, às vezes possuímos um cão ou um gato para podermos dizer: “meu querido cachorro, venha cá, por favor”. Desse modo podemos pensar: “eu sou o controlador”. Porém, às vezes os papéis se invertem e descobrimos que o cão controla o dono. Isto acontece porque na verdade ninguém é o controlador e todos são controlados. Infelizmente estamos esquecidos desta situação, e este esquecimento se chama *māyā*. Recusamo-nos a aceitar que este universo tem um controlador porque, se aceitamos um controlador, temos que dar conta de nossas atividades pecaminosas, assim como quando aceitamos o governo, temos que dar conta de nossas atividades ilegais. Nossa posição é que queremos continuar executando nossas atividades pecaminosas, e por isso negamos a existência de um controlador. Este é o princípio básico do ateísmo. A propaganda atual de que “Deus está morto” se espalha porque as pessoas querem continuar sendo canalhas sem restrições. Este é o princípio básico que fundamenta a negação da existência de Deus. Porém, por mais que neguemos Sua existência, Ele não morrerá. Há um provérbio bengali que diz a este respeito: *śakuni śāpe gorumaraṇa*. A palavra *śakuni* significa abutre. Os abutres sentem prazer em carcaças de animais mortos, especialmente na carcaça da vaca. As vezes um abutre pode passar dias sem uma carcaça, de tal modo, este provérbio diz que o abutre amaldiçoa a vaca, desejando que ela morra. Mas isto não quer dizer que a vaca morrerá apenas para satisfazer a vontade do abutre. De modo semelhante, esses abutres ateístas querem ver Deus morto para que possam ter o prazer de pensar: “Agora Deus está morto, e eu posso fazer tudo o que quiser”.

Então, temos de entender que certamente há um controlador; este é o começo do conhecimento. Por que haveríamos de negar esta verdade? Se em todos os campos de atividades encontramos algum controlador finito, como podemos negar a existência de um controlador infinito desta criação? Portanto, não é sem motivo que o Senhor Caitanya Mahāprabhu usa, em particular, esta palavra Jagadīśa, o Senhor do universo. Ele não inventa o termo, pois em muitos e diferentes *mantras* védicos podemos encontrá-lo. Por exemplo: “Ó meu

Senhor, Vossas mãos são belíssimas, como a flor de lótus, mas com Vossas longas garras dilacerastes a vespa Hiraṇyakaśipu. A Vós, ó Senhor do universo, ofereço minhas humildes reverências”.

Hiraṇyakaśipu foi um ateu que negou a existência de Deus, mas Deus apareceu como o Senhor Nṛsiṁhadeva (uma encarnação metade homem, metade leão) e matou-o. Portanto, o Senhor é louvado como o controlador supremo do universo e de todas as entidades vivas (*jaya jagadīśa hare*).

Há também uma outra prece: *jagannātha-svāmī nayana-pathagāmī bhavatu me*: “Ó Senhor do universo, por favor permiti-me ver-Vos”. Em todas essas preces e em muitas outras, o controlador supremo do universo é reconhecido. Todos estão tentando converter-se em controladores supremos, mas isto não é possível através de esforços individuais, coletivos ou nacionais. Porque todos estão tentando ser o supremo, há uma grande competição no mundo. Contudo, o mundo foi criado de tal modo que ninguém pode converter-se no supremo. Qualquer que seja a posição que ocupemos, verificaremos que alguém é inferior e que alguém é superior a nós. Nenhum indivíduo pode dizer: “Eu sou o supremo. Ninguém é superior a mim”. Nem tampouco pode alguém dizer: “Eu sou o mais baixo. Ninguém é inferior a mim”. Tão logo pensemos que somos os mais baixos, imediatamente descobriremos que alguém é inferior a nós; e tão logo pensemos que somos supremos, imediatamente descobriremos alguém superior. Esta é a nossa posição.

Não obstante, a posição de Deus não é assim. No *Bhagavad-gītā* (7.7) o próprio Kṛṣṇa declara Sua superioridade dessa maneira: “Ó conquistador de riquezas (Arjuna), não há verdade superior a Mim. Tudo repousa em Mim, assim como as pérolas são ensartadas em um cordão”.

Deus é *asamordhva* — o que significa que ninguém é igual ou superior a Ele. Se encontramos alguém que não tenha superior podemos aceitá-lo como Deus. Pode-se definir Deus como Aquele que não tem ninguém que O ultrapasse ou rivalize com Ele. Esta é a versão védica. Nos *Upaniṣads* se diz: *na tat samaś cābhyadhikaś ca dṛśyate*: não há ninguém que seja igual ou superior a Ele.

Outra característica de Deus é que Ele nada tem a fazer. No mundo material, quando um homem é considerado muito importante, ele tem sempre uma grande quantidade de coisas a fazer. O Presidente dos Estados Unidos, por exemplo, é considerado o homem mais elevado do país, mas assim que há algum distúrbio na Europa Central ou em qualquer outro lugar do mundo, ele tem de convocar imediatamente uma reunião com seu gabinete para considerar como tratar da situação. Desta maneira, até ele precisa fazer muitas coisas. Se ele não fizer nada, já não será o homem mais elevado. Entretanto, nas literaturas védicas encontramos que Deus nada tem a fazer (*na tasya kāryam karanam ca vidyate*). Kṛṣṇa pode atuar de tantas maneiras no mundo, mas não porque Ele necessite fazê-lo. Isto se indica no *Bhagavad-gītā* (3.22): “Ó filho de Pṛthā, não há trabalho prescrito para Mim em nenhum dos três sistemas planetários. Nem necessito de nada, nem tenho necessidade de obter nada — e, ainda assim, ocupo-Me no trabalho”.

É interessante notar a este respeito que um cavalheiro europeu, que foi a Calcutá e visitou diversos templos, observou que no templo da deusa Kālī, a deidade tinha uma forma muito feroz com um machadinho na mão, e cortava as cabeças dos demônios usando-as como guirlandas. Em outros templos ele viu a deidade ocupada em atividades semelhantes, mas quando chegou ao templo de Rādhā-Kṛṣṇa, ele disse: “Eu acho que Deus está neste templo”. Quando lhe perguntaram como ele chegou a esta conclusão, ele disse: “Vi que em todos os templos a deidade fazia alguma coisa, mas aqui vejo que Deus está simplesmente tocando uma flauta e se divertindo. Obviamente, Ele nada tem a fazer”. Esta é uma conclusão muito inteligente; na verdade, é a conclusão védica.

Hoje em dia está virando moda as pessoas afirmarem que através da meditação estão se convertendo em Deus. Isto significa que através da meditação uma pessoa pode se transformar em Deus; em outras palavras, Deus medita, e através de Sua meditação Ele se converte em Deus. Isto não passa de disparate. Deus é Deus, e Ele sempre foi Deus e sempre será Deus. Mesmo como uma criança no colo de Sua mãe, Kṛṣṇa é Deus. Ele não precisou fazer meditação, austeridade ou penitência. Quando Pūtanā, a bruxa demoníaca, veio envenenar o bebê Kṛṣṇa, ela apareceu como uma bela jovem e pediu à mãe Yaśodā: “Ó Yaśodāmayī, teu bebê é muito bonito. Por favor, dá-me teu filho para que eu possa amamentá-lo”. Yaśodā era uma aldeã muito simples e disse: “O sim, toma meu filho”. Pūtanā tinha untado de veneno seus seios, e pretendia matar Kṛṣṇa deixando-o sugá-los. Assim é o espírito demoníaco; os demônios estão sempre querendo matar Kṛṣṇa para poderem dizer: “Deus está morto. Deus não existe. Deus é impessoal”. Kṛṣṇa foi tão bondoso com Pūtanā que deixou-a amamentá-lo, mas quando Ele sugou seus seios Ele sugou não só o veneno mas também a vida dela. Pūtanā caiu morta ao chão e se transformou imediatamente em sua forma demoníaca original. Assim, isto é que é Deus; no colo de Sua mãe Ele é Deus. Ele não precisa se converter em Deus através de meditação, penitência, austeridade ou seguindo regras e regulações. Ele é substancial e eternamente Deus, e nada tem a fazer. Se uma pessoa afirma que pode converter-se em Deus adorando essa ou aquela deidade ou meditando, devemos concluir imediatamente que ela não é um deus, mas sim um

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

cachorro. Ao compreender Deus, devemos ser cuidadosos em aceitar apenas a conclusão védica: *na tasya kāryaṁ karaṇam ca vidyate*: Deus nada tem a fazer. Por que Deus teria que fazer algo para Se converter em Deus? Se fabricarmos ouro, este ouro é artificial, não é ouro verdadeiro. O ouro é natural, e semelhantemente Deus é natural. Em Seus passatempos infantis, no colo de Sua mãe, Ele é Deus; enquanto brinca com Seus amigos, Ele é Deus; enquanto dança, Ele é Deus; enquanto luta em Kurukṣetra, Ele é Deus; enquanto está casado com Suas rainhas, Ele é Deus; e enquanto está falando, Ele é Deus. Não há dificuldade em compreender Deus. Tudo que se exige de nós é que ouçamos a Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* (10.8) Kṛṣṇa diz a Arjuna: “Eu sou a fonte de todos os mundos espirituais e materiais. Tudo emana de Mim. Os sábios que sabem disto perfeitamente ocupam-se em Meu serviço devocional e Me adoram com todo seu coração”.

Isto significa que Śrī Kṛṣṇa é o manancial do Senhor Śiva e a origem de Viṣṇu e Brahmā, e, naturalmente, de todos os outros semideuses e outras criaturas vivas. Mais adiante Ele diz (*Bhagavad-gītā* 15.7): “As entidades vivas neste mundo condicionado são Minhas eternas partes fragmentárias. Devido à vida condicionada, elas estão lutando arduamente com os seis sentidos, dentre os quais, se inclui a mente”.

No *Brahma-saṁhitā* (5.38) o Senhor Brahmā explica que, se estamos buscando Deus, aqui está Deus.

*premāñjana-cchurita-bhakti-vilocanena
santaḥ sadaiva hṛdayeṣu vilokayanti
yaṁ śyāmasundaram acintya-guṇa-svarūpam
govindam ādi-puruṣam tam ahaṁ bhajāmi*

“Eu adoro Govinda, o Senhor primordial, que é o Śyāmasundara, o próprio Kṛṣṇa, com inumeráveis atributos inconcebíveis, a Quem os devotos puros vêm, no recôndito de seus corações, com o olho da devoção untado com o unguento do amor”.

Existem descrições semelhantes a esta em todas as partes da literatura védica, mas os canalhas e demônios são tão obstinados que mesmo que os doze *ācāryas* modelares (Brahmā, Nārada, Śiva, Bhīṣma, os Kumāras, Kapila, Manu, etc.) e Vyāsa, Devala e muitos outros devotos, confirmem que Kṛṣṇa é o Deus Supremo, ainda assim eles se recusam a aceitá-LO. O Senhor Caitanya Mahāprabhu também confirma que Kṛṣṇa é o Deus Supremo, e o *Śrīmad-Bhāgavatam* diz: *kṛṣṇas tu bhagavān svayam*. O *Śrīmad-Bhāgavatam* dá uma lista de todas as encarnações de Deus, e por fim conclui que o nome Kṛṣṇa, que aparece nesta lista, indica a Suprema Personalidade de Deus, enquanto que todos os outros nomes representam manifestações ou encarnações. *Ete cāmśa-kalāḥ puṁsaḥ*. Todos os outros nomes de Deus são ou partes de Deus ou porções das partes. As partes se chamam *amśa*, e as porções das partes se chamam *kalāḥ*. Como entidades vivas, somos *amśa*, mas somos *amśa* muito fragmentárias. Todos os demais são *amśa* ou *kalāḥ*, mas Kṛṣṇa é *bhagavān svayam* — a Suprema Personalidade de Deus.

Devemos dirigir nossas preces à Suprema Personalidade de Deus e a ninguém mais. Portanto oramos com Brahmā (*Brahma-saṁhitā* 5.29):

*cintāmaṇi-prakara-sadmasu kalpa-vṛkṣa
lakṣāvṛteṣu surabhīr abhipālayantam
lakṣmī-sahasra-śata-sambhrama-sevyamānam
govindam ādi-puruṣam tam ahaṁ bhajāmi*

“Eu adoro Govinda, o Senhor primordial, o primeiro progenitor, que cuida das vacas, satisfaz todos os desejos, em moradas construídas com gemas espirituais, rodeado por milhões de árvores dos desejos, sempre servido com grande reverência e afeição por centenas e milhares de Lakṣmīs, ou *gopīs*”.

Aqui Kṛṣṇa é denominado a pessoa original (*ādi-puruṣam*). Todos nós somos pessoas. Nosso pai é uma pessoa, logo nós somos pessoas. Se remontarmos à época do pai de nosso pai, descobriremos que ele também foi uma pessoa, e que seu pai era uma pessoa, e assim por diante retrocedendo até o Senhor Brahmā, que foi a primeira pessoa criada neste universo. Então descobriremos também que o pai do Senhor Brahmā, Viṣṇu, também é uma pessoa. Todos são pessoas e Kṛṣṇa é a Pessoa Suprema. A compreensão impersonalista de Deus se chama *nirarcā*. *Niḥ* significa “negativo” e a *arcā* significa “forma”, portanto *nirarcā* significa “forma negativa”. Os impersonalistas estão enganados quando pensam que Deus não tem absolutamente forma alguma. A palavra *nirarcā* não indica que Ele não tem forma, mas sim que Ele não tem forma material como nós. A forma existe mas não é material; é forma espiritual.

Qual é o valor de nossa forma? Esta forma mudará depois de alguns anos, logo que abandonarmos o corpo. Nossas formas mudam assim como mudamos nossas roupas, mas Deus não tem uma forma assim; portanto Ele é às vezes denominado *nirarcā*. A forma existe, e isto também está explicado no *Brahma-*

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

samhitā. O Senhor Brahmā descreve Sua forma dessa maneira (*Brahma-samhitā* 5.30-32):

“Eu adoro Govinda, o Senhor primordial, que é perito em tocar Sua flauta, com olhos exuberantes como pétalas de lótus, com a cabeça ornada com uma pluma de pavão, com Sua bela forma tingida com o matiz de nuvens azuladas, e Seu encanto incomparável que cativa milhões de Cupidos. Eu adoro Govinda, o Senhor primordial, cuja forma transcendental é plena de bem-aventurança, verdade e substancialidade e que é portanto plena do mais deslumbrante esplendor. Cada um dos membros desta forma transcendental possui, em si mesmo, as funções completamente desenvolvidas de todos os órgãos, e vê, mantém e manifesta eternamente infinitos universos, tanto espirituais quanto mundanos”.

Esta forma não tem realmente nada a ver com as formas materiais. Os impersonalistas dizem “oh! vocês dizem que Kṛṣṇa tem uma forma. Nesse caso, como vocês podem dizer que Ele é o Supremo? O Brahman impessoal é o Supremo, e o Brahman impessoal não tem forma”. Mas o *Bhagavad-gītā* (14.27) nos informa que Kṛṣṇa é a fonte do Brahman impessoal. “E Eu sou a base do Brahman impessoal, que é a posição constitucional de felicidade última, e que é imortal, imperecível e eterno”.

Kṛṣṇa certamente tem uma forma, mas como se afirmou anteriormente, Sua forma é *sac-cid-ānanda-vigraha*, eterna, plena de bem-aventurança e de conhecimento. O Senhor Brahmā resume os atributos de Seu corpo transcendental dessa maneira (*Brahma-Samhitā* 5.1): “Kṛṣṇa, que é conhecido como Govinda, é o Deus Supremo. Ele tem um corpo espiritual eterno e bem-aventurado. Ele é a origem de tudo. Ele não tem outra origem e Ele é a causa primordial de todas as causas”.

A palavra Govinda significa “Aquele que dá prazer aos sentidos”. Percebemos o prazer através de nossos sentidos, e por esse motivo, Kṛṣṇa, que é o reservatório do prazer, Se chama Govinda. Se servirmos a Kṛṣṇa com os sentidos purificados, começaremos a saborear o prazer deste reservatório supremo.

Como podemos descrever Deus ou compreender Suas glórias? Não é possível. Deus é ilimitado. Não obstante, sem levar em conta as nossas limitações finitas, podemos expressar nossos próprios sentimentos e dizer: “Meu Deus, Meu Senhor”. Isto será aceito. O Senhor Caitanya Mahāprabhu nos ensina a orar dessa maneira: “Ó filho de Mahārāja Nanda, sou Teu servo eterno, e embora o seja, de uma forma ou outra caí no oceano de nascimentos e mortes. Portanto, por favor, tira-me deste oceano de mortes e coloca-me como um dos átomos a Teus pés de lótus” (*Śikṣāṣṭaka*, 5).

Deveríamos seguir o padrão desta prece; deveríamos apenas querer ser colocados como um dos átomos aos pés de lótus de Kṛṣṇa para prestar-Lhe serviço: Todos oram a Deus com algum interesse, mas mesmo se rogamos a Deus: “dai-me algum dinheiro, dai-me auxílio, uma bela casa, uma boa esposa ou bom alimento”, também é bom. Contudo, este não é o padrão da prece do Senhor Caitanya Mahāprabhu. Nossa única prece deve ser que o Senhor nos capacite a servi-LO nascimento após nascimento. Nossa prece deve ser: “Querido Senhor, Vós sois tão grande que quero ocupar-me em Vosso serviço. Tenho servido a todos esses canalhas e não estou satisfeito. Agora venho até Vós. Por favor, ocupai-me em Vosso serviço”. Esta é a última palavra em prece. Algumas pessoas queixam-se de que quando oram a Deus não sentem Sua presença. Devemos saber que isto se deve à nossa incapacidade e não à incapacidade de Deus. Há duas concepções de presença — a concepção física e a concepção vibratória. A concepção física é temporária, enquanto que a concepção vibratória é eterna. Quando saboreamos ou desfrutamos dos ensinamentos de Kṛṣṇa no *Bhagavad-gītā*, ou quando cantamos Hare Kṛṣṇa, devemos saber que através dessas vibrações Ele Se faz imediatamente presente. Ele é absoluto, e por causa disso Sua vibração é tão importante quanto Sua presença física. Quando sentirmos saudade de Kṛṣṇa ou do mestre espiritual, deveremos apenas tentar relembrar Suas palavras de instrução, e não sentiremos mais essa saudade. Tal associação com Kṛṣṇa e o mestre espiritual deve ser associação através da vibração, e não através da presença física. Esta é a associação verdadeira. Damos tanta importância ao ato de ver, mas quando Kṛṣṇa esteve presente nesta Terra muitas pessoas O viram e não compreenderam que Ele era Deus, portanto, qual é a vantagem de ver? Se virmos Kṛṣṇa, não O compreenderemos, mas se ouvirmos Seus ensinamentos cuidadosamente, poderemos alcançar a plataforma da compreensão. Podemos pôr-nos imediatamente em contato com Kṛṣṇa através da vibração sonora, portanto, devemos dar mais importância à vibração sonora de Kṛṣṇa e do mestre espiritual — e então nos sentiremos felizes e não sentiremos a separação.

Pelo *Śrīmad-Bhāgavatam* compreendemos que quando Kṛṣṇa partiu deste mundo Arjuna ficou dominado pela aflição, mas quando ele começou a se lembrar das instruções do *Bhagavad-gītā*, ele se acalmou. Arjuna era um amigo constante de Kṛṣṇa, de modo que quando Kṛṣṇa foi para Sua morada, Arjuna ficou oprimido, mas pela simples lembrança de Seus ensinamentos ele se aliviou das dores da separação. Deste modo, sempre que sentirmos separação, é melhor nos lembrarmos dos ensinamentos. Os ensinamentos do *Bhagavad-gītā* foram transmitidos a Arjuna para sua felicidade e para a felicidade de todos os homens. Kṛṣṇa indica isso no começo do Décimo Capítulo (*Bhagavad-gītā* 10.1), quando Ele diz:

“Meu caro amigo, Arjuna de braços poderosos, ouve novamente Minha palavra suprema, a qual

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

transmitirei a ti para teu próprio benefício e a qual dar-te-á grande alegria”.

Se ouvirmos e seguirmos cuidadosamente as palavras do Senhor Kṛṣṇa, alcançaremos não somente a paz no mundo, mas também a paz suprema (*parām śāntim*). Tudo que se requer é que busquemos refúgio aos pés de lótus de Kṛṣṇa e Lhe prestemos serviço cantando Suas glórias elevando avante este Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa aos quatro cantos do mundo. Kṛṣṇa promete que através de tal rendição a paz e a vida eterna sucederão automaticamente.

“Ó descendente de Bharata, rende-te a Ele completamente. Por Sua graça alcançarás a paz transcendental e a morada suprema e eterna” (*Bhagavad-gītā* 18.62).

5. Conhecendo as energias de Kṛṣṇa

Para Kṛṣṇa não há diferença entre a energia material e a energia espiritual. Para Ele é indiferente. Às vezes a eletricidade funciona para propósitos de refrigeração, e às vezes funciona para propósitos de calefação, mas a energia que a central elétrica gera é a mesma. Analogamente, a energia de Kṛṣṇa é sempre espiritual, mas atua de diferentes maneiras. Numa cidade pode haver um departamento de saúde e um departamento de polícia. Aos olhos do governo ambos são a mesma coisa, pois são partes subsidiárias do governo, para o indivíduo eles prestam serviços diferentes. A energia material pode estar funcionando de diferentes maneiras que talvez não sejam muito agradáveis para a entidade viva, mas isto não significa que Kṛṣṇa não gosta da energia material. Ela é tão importante quanto a energia espiritual, embora se ocupe em punir a alma condicionada, assim como o departamento de polícia se ocupa em punir criminosos. No *Brahma-saṁhitā* se confirma que a energia de Kṛṣṇa é sempre espiritual, mas que atua de modos diferentes, em diferentes campos de atividades. Em relação com Kṛṣṇa não há distinção entre as energias, mas para podermos compreender discriminamos e dizemos que às vezes a energia funciona de modo material e às vezes de modo espiritual. Pensamos que a energia é quente ou fria, boa ou má, agradável ou desagradável, mas de fato a energia é a mesma.

Kṛṣṇa não pode distribuir energia inferior porque Ele não é inferior. Ele é sempre superior, espiritual, e de tal modo Sua energia é sempre espiritual. Subhadṛā é a irmã de Kṛṣṇa, e dela surge a encarnação de Durgā, a personificação da energia material. Subhadṛā está no mundo espiritual e se relaciona eternamente com Kṛṣṇa como Sua energia, mas quando Durgā desenvolve suas atividades aqui no mundo material, não se deve considerá-la inferior. No *Bhagavad-gītā* como também no *Brahma-saṁhitā* se diz que Durgā ou Māyā atua sob a direção de Kṛṣṇa, então como se pode considerá-la inferior? Os criminosos podem pensar que o departamento de polícia é um departamento inferior do governo, mas os cidadãos que obedecem à lei não pensam assim; ele simplesmente funciona de uma maneira peculiar. Analogamente, a energia material tem de agir para confundir a entidade viva que está sob a direção de Kṛṣṇa.

Nós somos as entidades vivas que se encontram dentro da energia material, e estamos nesta posição porque desejamos dominar a natureza material. Kṛṣṇa nos deu a facilidade dizendo: “Muito bem, tentem, mas vocês não poderão ser bem sucedidos”. Enquanto ignorarmos como as leis da natureza funcionam sob a direção suprema de Kṛṣṇa, nossas atividades continuarão subjugando-nos. Quando compreendermos Kṛṣṇa perfeitamente, conheceremos automaticamente as leis da natureza e como elas atuam. Os Vaiṣṇavas se interessam no fundamento das leis da natureza material. Quando compreendermos Kṛṣṇa perfeitamente, poderemos compreender que na verdade não há energia inferior ou material, mas que tudo é espiritual. Podemos compreender que na plataforma superior tudo que experimentamos são as ações e as reações de diferentes energias do Senhor Supremo. Quando compreendermos Kṛṣṇa perfeitamente, então estas distinções de energia superior e inferior desaparecerão. Tudo que se emprega no serviço a Kṛṣṇa é energia superior. Em última análise, tudo serve a Kṛṣṇa, e aqueles que são altamente elevados compreendem isto.

As literaturas védicas confirmam que o Senhor tem diversas energias. Ainda assim, pessoalmente o Senhor Supremo não tem nada a fazer. Como é isto? Ele não tem de procurar arduamente a riqueza, pois Ele possui toda a riqueza; nem tampouco o conhecimento, pois Ele possui todo o conhecimento; nem tampouco o poder, pois Ele possui todo o poder; nem tampouco a beleza, fama ou renúncia, pois todas essas coisas Ele possui integralmente. Nem tampouco Ele dirige diretamente os assuntos universais, pois tem muitos assistentes que podem conduzir os assuntos enquanto Ele permanece em Sua morada. O *Śrī Īsopaniṣad* (Mantra 4) confirma isto: “Embora permaneça em Sua morada, a Personalidade de Deus é mais veloz que a mente e pode sobrepujar a todos os que correm. Os poderosos semideuses não podem aproximar-se dEle. Embora esteja em um lugar, Ele controla aqueles que provêm o ar e a chuva. Ele supera a todos em excelência”.

Deste modo, Kṛṣṇa não tem nenhum trabalho a executar. Como a Suprema Personalidade de Deus, Ele Se ocupa simplesmente em Se divertir com as *gopīs* (vaqueirinhas) e Sua consorte Rādhārāṇī. Na verdade, Kṛṣṇa, como Kṛṣṇa, não Se ocupa em matar demônios. Quando Kṛṣṇa mata os demônios Ele é conhecido como Vāsudeva Kṛṣṇa, e não como o Kṛṣṇa original. Quando Kṛṣṇa Se expande, Ele primeiro Se expande como Balarāma, depois como Saṅkarṣana, Pradyumna, Aniruddha e Vāsudeva. Como Vāsudeva Ele atua em Mathurā e Dvārakā, mas em Sua forma original como Kṛṣṇa, Ele permanece em Vṛndāvana. Isto pode parecer confuso mesmo um dos maiores ficcionistas bengalis compreendeu mal e pensou que o Kṛṣṇa de Vṛndāvana, o Kṛṣṇa de Dvārakā e o Kṛṣṇa de Mathurā fossem três pessoas diferentes. Mas se conhecermos a natureza das expansões de Kṛṣṇa, não será difícil compreender isto. Kṛṣṇa é o mesmo, e Ele é o único e incomparável, mas Ele pode Se expandir em bilhões e trilhões de formas.

No Décimo Capítulo do *Bhagavad-gītā* (10.27-28), Kṛṣṇa explica Suas diferentes manifestações a Arjuna dessa maneira: “Fica sabendo que dos cavalos Eu sou o Ucchaiḥśravā, que surgiu do oceano, nascido do elixir da imortalidade; dos elefantes senhoriais Eu sou o Airāvata, e entre os homens Eu sou o monarca. Das armas Eu

sou o raio; entre as vacas Eu sou a surabhi, que dá leite em abundância. Dos procriadores Eu sou Kandarpa, o deus do amor, e das serpentes Eu sou Vāsuki, a principal”.

Mais adiante, o Senhor Kṛṣṇa enumera as muitas manifestações da criação material e explica como cada uma O representa. Ele termina com uma longa e detalhada descrição destas manifestações dizendo: “Mas qual é a necessidade, Arjuna, de todo este conhecimento detalhado? Com uma só fração Minha, Eu penetro e mantenho este universo inteiro” (*Bhagavad-gītā* 10.42).

Deste modo, este mundo material existe com base numa porção plenária de Kṛṣṇa. Se Kṛṣṇa não entrasse neste universo, este não poderia existir. De modo semelhante, a menos que a alma espiritual, que é uma parte fragmentária de Kṛṣṇa, entre neste corpo, este corpo não pode existir. Logo que a alma espiritual sai, imediatamente o corpo se torna inútil; quando Kṛṣṇa entra na matéria, a matéria tem valor. Isto se aplica tanto ao minúsculo átomo individual quanto ao grande universo.

Uma vez que as manifestações de Kṛṣṇa são tão grandes, devemos saber que Seu prazer é muito maior que o nosso. Temos de tentar compreender o tipo de prazer de que Kṛṣṇa gosta. Todos sabem que Deus é grande, e a partir disto podemos concluir que Seu gozo também é grande. Svarūpa Dāmodara Gosvāmī escreveu um verso a este respeito que diz que embora os casos de amor de Rādhā e Kṛṣṇa possam parecer casos materiais ordinários, não se trata realmente disso. Rādhārāṇī é a potência de prazer de Kṛṣṇa. No *Vedānta-sūtra* diz-se que a Verdade Absoluta está sempre desfrutando da potência de prazer. Quando queremos prazer, não podemos tê-lo sozinhos. Sentimos prazer na companhia de amigos ou da família. Posso falar sozinho em um quarto, mas se falo em um quarto diante de outras pessoas, o prazer aumenta. Prazer significa que deve haver outras pessoas, e por esse motivo Kṛṣṇa, a Verdade Absoluta, que sempre Se ocupa em Se divertir, converte-Se em muitos.

Somos partes integrantes de Kṛṣṇa e fomos criados para dar prazer a Kṛṣṇa. A potência de prazer principal é Rādhārāṇī, e assim Rādhā-Kṛṣṇa estão sempre juntos. Māyā, a potência externa, conduz a energia material, ao passo que o mundo espiritual é conduzido pela potência interna, Rādhārāṇī. Frequentemente oramos a Rādhārāṇī porque Ela é a potência de prazer de Kṛṣṇa. A própria palavra “Kṛṣṇa” significa todo-atrativo, mas Rādhārāṇī é tão grande que atrai Kṛṣṇa. Se Kṛṣṇa é sempre atrativo para todos e Rādhārāṇī é atrativa para Kṛṣṇa, como podemos imaginar a posição de Śrīmatī Rādhārāṇī? Devemos tentar compreender humildemente e Lhe oferecer nossas reverências, dizendo: Rādhārāṇī, Tu és muito querida por Kṛṣṇa. És a filha do rei Vṛṣabhānu e a amada de Kṛṣṇa. Oferecemos-Te nossas respeitadas reverências”. Rādhārāṇī é muito querida de Kṛṣṇa, e se nos aproximarmos de Kṛṣṇa através da misericórdia de Rādhārāṇī, poderemos facilmente alcançá-lo. Se Rādhārāṇī recomenda um devoto, Kṛṣṇa o aceita imediatamente, por mais tolo que seja. Em consequência disso, descobrimos que os devotos em Vṛndāvana cantam o nome de Rādhārāṇī mais freqüentemente que o de Kṛṣṇa. Aonde quer que formos na Índia encontraremos devotos gritando: “Jaya Rādhē!” Devíamos ter mais interesse em adorar Rādhārāṇī, pois, não importa quão caídos sejamos, se de um modo ou de outro pudermos comprazer-Lhe, poderemos muito facilmente compreender Kṛṣṇa. Se tentarmos compreender Kṛṣṇa através de processos especulativos, teremos que gastar muitas vidas em especulações; mas se adotarmos o serviço devocional e tentarmos simplesmente comprazer a Rādhārāṇī, então poderemos realizar Kṛṣṇa facilmente. Rādhārāṇī é uma devota tão notável que pode nos dar Kṛṣṇa.

Até mesmo Kṛṣṇa não pode compreender as qualidades de Rādhārāṇī. Ele não consegue compreendê-la porque Ela é muito elevada. Para compreender Rādhārāṇī Kṛṣṇa aceitou realmente a posição de Ela. Kṛṣṇa pensou: “Embora Eu seja pleno e completo em todos os aspectos, ainda assim não compreendo Rādhārāṇī. Por que?” Isto obrigou Kṛṣṇa a aceitar as propensões de Rādhārāṇī, e isso explica a Sua manifestação como o Senhor Caitanya Mahāprabhu. Caitanya Mahāprabhu é o próprio Kṛṣṇa, mas Ele é Kṛṣṇa aceitando as propensões de Rādhārāṇī. Rādhārāṇī está sempre sentindo saudade de Kṛṣṇa, e do mesmo modo, na posição de Rādhārāṇī, o Senhor Caitanya estava sempre sentindo essa saudade. Além disso, aqueles que seguem os ensinamentos do Senhor Caitanya devem experimentar e saborear os sentimentos de separação, e não os de encontro.

Os *gosvāmīs*, os discípulos do Senhor Caitanya Mahāprabhu, os seres mais perfeitos e altamente elevados, nunca disseram: “eu vejo Kṛṣṇa”. Em vez disso, eles choravam constantemente: “Onde está Rādhārāṇī? Onde estão Lalitā e Viśākhā e as outras donzelas de Vṛndāvana?” Em sua fase madura de amor por Deus, quando viviam em Vṛndāvana, os *gosvāmīs* também chamavam: “Rādhārāṇī, onde estás Tu? Onde estão Tuas associadas? Onde estás Tu, ó filho de Nanda Mahārāja? Onde estais todos Vós?” Desse modo eles buscavam por Kṛṣṇa, e jamais em tempo algum diziam: “A noite passada vi Kṛṣṇa dançando com as *gopīs*”. Um devoto amadurecido não faz tais afirmações, só aquele que subestima as coisas. Algumas pessoas pensam que Rādhā e Kṛṣṇa são tão vulgares que podem ser vistos todas as noites, mas este não é o ensinamento dos *gosvāmīs* que estavam sempre buscando por Kṛṣṇa gritando: “Onde estás Tu? Onde estás

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Tu, Rādhārāṇī? Onde estás Tu, Kṛṣṇa? Perto da Colina de Govardhana? Às margens do Yamunā?” Dessa maneira, por toda a extensão da terra de Vṛndāvana, os *gosvāmīs* choravam e buscavam, como loucos, Rādhā e Kṛṣṇa.

Devemos seguir os passos dos *gosvāmīs* e buscar Rādhā e Kṛṣṇa dessa maneira. Vṛndāvana está em nossos corações, e devemos buscá-LO ali. Este é o processo que Caitanya Mahāprabhu recomendou, o processo de adorar em separação. Sentindo separação de Kṛṣṇa, o Senhor Caitanya Se atirava ao mar. Às vezes Ele saía de Seu quarto às horas mortas e desaparecia. Ninguém conseguia saber aonde Ele tinha ido, mas durante todo esse tempo ele buscava Kṛṣṇa. Deste modo, não é que devemos desfrutar das trocas amorosas de Kṛṣṇa e Rādhā como espectadores em uma demonstração esportiva. Devemos sentir separação d'Ele. Quanto mais sentirmos separação, mais devemos compreender que estamos avançando. Não podemos ver Kṛṣṇa com nossos sentidos materiais, nem tampouco podemos ouvir Seu nome. Podemos começar a percebê-LO quando avançamos em serviço devocional. Este serviço devocional começa com a língua e não com as pernas, os olhos ou os ouvidos. Deve-se utilizar a língua para cantar Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare e comer *kṛṣṇa-prasāda*. Desta maneira, a língua tem função dupla, e se a utilizarmos dessa maneira, realizaremos Kṛṣṇa. Não podemos ver Kṛṣṇa com nossos olhos materiais, nem tampouco ouvir sobre Ele com nossos ouvidos materiais, nem tocá-LO com nossas mãos; mas se ocuparmos nossas línguas em Seu serviço, Ele Se revelará dizendo: “Aqui estou Eu”.

Esse cantar de Hare Kṛṣṇa extingue o fogo ardente da natureza material. Este também é o significado da seguinte prece ao mestre espiritual:

*samsāra-dāvānala-līdha-loka-trāṇāya kārūṇya-ghanāghanatvam
prāptasya kalyāṇa-guṇārṇavasya vande guroh śrī-caraṇāravindam*

“O mestre espiritual recebe as bênçãos do oceano de misericórdia. Assim como a nuvem precipita água no incêndio da floresta para extingui-lo, da mesma forma o mestre espiritual extingue o fogo ardente da existência material. Ofereço minhas respeitadas reverências aos pés de lótus de meu mestre espiritual” (*Śrī-Gurvaṣṭaka*, Verso 1).

Muitas vezes se compara este mundo material a um incêndio de floresta que ocorre automaticamente. Ninguém deseja um incêndio de floresta, mas freqüentemente há relâmpagos, descuidos ou fricções, ou seja lá o que for, e o incêndio ocorre imediatamente. De modo semelhante, este mundo material é saturado do fogo ardente de problemas. Todos querem viver pacificamente aqui, mas as situações se sucedem de tal maneira que isto não é possível a ninguém. Lutamos arduamente para ajustar as coisas de muitas maneiras, mas as leis da natureza são tão cruéis e perigosas que, apesar de nossos planos e esperanças, o fogo ardente dos problemas da existência material continua.

Neste século, por exemplo, temos tentado extinguir o fogo da guerra, mas não o conseguimos. Houve uma Primeira Guerra Mundial, e então se formou a Liga das Nações para tentar prevenir uma segunda, mas apesar de suas tentativas a Segunda Guerra ocorreu. Agora construíram as Nações Unidas para tentar acabar com a guerra, mas a guerra continua no Vietnã, no Egito, no Paquistão e em outros lugares. Ninguém quer uma Terceira Guerra Mundial mas ela parece iminente. Não adianta enviar um corpo de bombeiros, uns poucos homens com baldes d'água, para extinguir um grande incêndio na floresta. Para se extinguir um incêndio que lavra na floresta é preciso haver uma grande quantidade d'água; em outras palavras, é preciso haver algum arranjo que esteja além do esforço humano. Quando uma nuvem misericordiosa aparece sobre o incêndio na floresta, a nuvem se abre, a chuva cai torrencialmente e de imediato o fogo ardente se extingue. Assim como uma nuvem coleta água do oceano, de modo semelhante o mestre espiritual coleta água do oceano da misericórdia de Kṛṣṇa e a despeja sobre o fogo ardente da existência material. Deste modo, aquele que concede ou distribui a chuva misericordiosa de Kṛṣṇa é denominado o mestre espiritual ou *guru*.

Nas literaturas védicas se diz que para compreender a ciência transcendental da consciência de Kṛṣṇa, devemos tentar adquirir conhecimento de como extinguir este fogo ardente de problemas. Os cientistas, os filósofos e outros homens instruídos estão tentando duramente extingui-lo, mas parece que suas tentativas têm resultado em bombas cada vez maiores. Os *karmīs* ou trabalhadores frutivos trabalham com toda a energia, dia e noite, para extinguir este fogo ou para atenuar a condição miserável da existência material à força do árduo trabalho. Os *jñānīs* ou filósofos também tentam, mas eles se repugnam e por isso proclamam: “Este mundo é falso”. Pensando isto, eles tentam fundir-se na existência do Supremo para dessa maneira extinguir o fogo. E como a raposa que tenta pegar algumas uvas de uma parreira, e quando não consegue diz: “Afinal essas uvas estão verdes”. Os *yogīs* ou meditadores tentam obter poderes místicos

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

superiores fazendo-se maiores do que o maior, menores do que o menor, mais leves do que o mais leve e mais pesados que o mais pesado, mas isso é exatamente como uma brincadeira de crianças. Com qualquer corpo material — seja ele grande ou pequeno, leve ou pesado — os problemas da existência material ainda persistem. Dessa maneira, podemos progredir de um estágio a outro, vindo do estágio de *karmī*, ou trabalhador frutivo, ao estágio de *jñānī*, ou filósofo, ao estágio de *yogī* ou meditador, mas de qualquer modo temos finalmente de chegar à plataforma de *bhakti*, ou serviço devocional. Este é o processo evolucionário verdadeiro. O *Bhagavad-gītā* (7.19) indica isso dessa maneira: “Depois de muitos e muitos nascimentos e mortes, aquele que está realmente em conhecimento se rende a Mim, sabendo que Eu sou a causa de todas as causas e de tudo que existe. Uma grande alma assim é muito rara”.

Render-se a Kṛṣṇa, eis a questão; este é o objetivo da vida: e os *bhaktas*, os homens inteligentes do mundo, dedicam-se a este estágio imediatamente. Por isso Kṛṣṇa diz que eles são homens sábios. Se, após muitos e muitos nascimentos, temos de chegar a este momento de nos render, então por que não fazê-lo imediatamente?

Durgā supervisiona o fogo ardente da natureza material. Muitas vezes ela (Durgā) é retratada com armas em suas mãos. Ela tem dez mãos, e em cada uma segura um tipo de arma diferente. Isto indica que ela rege todas as dez direções deste universo. Ela maneja as diferentes armas para castigar os demônios. Há um quadro famoso de um demônio lutando com um leão, e a deusa Durgā está puxando o cabelo do demônio e encostando seu tridente contra o peito dele. Se estudarmos esse quadro poderemos averiguar que somos o demônio e que o tridente são as três classes de misérias da existência material das quais estamos sempre sofrendo. Algumas misérias são infligidas por outras entidades vivas, algumas por calamidades naturais e algumas pela própria mente e pelo próprio corpo. De um modo ou de outro estamos sempre lutando contra estes três tipos de misérias. Ninguém na criação material pode dizer que está livre delas. O tridente desta natureza material é dirigido contra o peito de todos, e por causa disso dentro deste mundo material a felicidade pura não é possível. Podemos tentar satisfazer à Mãe Durgā adorando-a ou dando-lhe algum suborno, mas Durgā não se deixa subornar tão facilmente.

Por conseguinte, devemos saber que a meta de nossa vida deve ser compreender a Suprema Personalidade de Deus. Podemos fazer todos os arranjos — social, político, filosófico ou religioso — mas a meta deve ser aproximar-se da Pessoa Suprema. Nos *Vedas* se afirma que as pessoas eruditas avançadas, os semideuses da criação, fixam sua visão simplesmente nos pés de lótus de Kṛṣṇa. Na civilização humana o objetivo deveria ser o mesmo. Sem fixar a visão nos pés de lótus de Kṛṣṇa, todos os esforços religiosos, sociais ou políticos não terão efeito. Enquanto nossos desejos estiverem ancorados no mundo material, não poderemos progredir. Há uma história a este respeito de um grupo que ia à uma festa de noivado e que tinha de ir à casa da noiva rio abaixo. Eles determinaram que partiriam à noite de barco e chegariam ao destino de manhã cedo. De tal modo, à noite, após a ceia, o alegre grupo embarcou no bote, todos se acomodaram confortavelmente e ordenaram que o barqueiro partisse. Uma vez que todos os membros do grupo estavam sentados confortavelmente e a brisa ribeirinha era muito agradável, eles dormiram profundamente aquela noite. De manhã eles se levantaram cedo, e para seu espanto viram que o bote não se movera nem um centímetro em direção ao destino, muito embora o barqueiro tivesse remado vigorosamente durante toda a noite. Finalmente, depois de investigar, eles descobriram que apesar de o barqueiro ter remado, o bote não se movera porque eles tinham deixado de levantar a âncora. Assim, eles perderam a cerimônia de casamento por causa de um erro tolo.

Por conseguinte, nossa civilização atual é uma civilização equivocada porque os líderes falsos se esquecem de levantar a âncora do apego. Em vez disso, a âncora está se cravando cada vez mais firmemente, porque eles estruturam a ordem social com base no gozo dos sentidos. O *Bhagavad-gīta* (16.10-11) descreve esta organização social e política para o gozo dos sentidos, mantida por diversos planos e projetos, da seguinte maneira:

*kāmam āśrītya duṣpūram / dambha-māna-madānvitāḥ
mohād grhītvāsad-grāhān / pravartante śuci-vratāḥ*

*cintām aparimeyām ca / pralayāntām upāśritāḥ
kāmapabhoga-paramā / etāvad iti niścītāḥ*

“Os homens demoníacos, refugiando-se na luxúria insaciável, no orgulho e no falso prestígio, e encontrando-se assim iludidos, estão sempre entregues a trabalhos sujos, atraídos pelo que não é permanente. Eles acreditam que satisfazer os sentidos até o fim da vida é a necessidade primordial da civilização humana. Desse modo, não há fim para sua ansiedade”.

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

Todos os líderes, assim como o barqueiro, estão iludidos. Eles nos desencaminham, fazendo-nos aceitar algum benefício temporário, mas por quanto tempo vigorarão seus planos e projetos? Se eles persistem até morrer de ataque cardíaco ou assassinados, então outra pessoa como eles tomar-lhes-á o lugar. Até mesmo os assim chamados filósofos da sociedade moderna estão cativados pelo nome e pela glória materiais, e por isso não guiam a população em geral na direção apropriada. Assim, com o objetivo do gozo dos sentidos, a âncora da vida permanece profundamente fixa nas águas da nescidade, e nossa assim chamada civilização apodrece num charco estagnado. Visto que não mudamos de posição, ficamos sempre no mesmo porto de vida problemática. Todos os projetos não passam de papéis sem valor em face da guerra, da fome, dos terremotos e de outras calamidades. Todas estas calamidades são avisos da Mãe Durgā, e com eles ela confirma sua superioridade eterna sobre os iludidos fazedores de planos. Os diferentes pesos na âncora que nos mantêm encalhados na vida material são nossos apegos ao corpo material devido à nossa ignorância dos fatos espirituais, nosso apego aos parentes devido às relações corpóreas, nosso apego à nossa terra natal e às nossas posses materiais, nosso apego à ciência material e nosso apego às formas religiosas e rituais sem conhecer seu verdadeiro objetivo — tudo isto ancora o barco do corpo humano no universo material. Usando o exemplo de uma figueira-de-bengala fortemente enraizada, Śrī Kṛṣṇa nos aconselha no *Bhagavad-gītā* (15.3-4) como escapar de uma vez por todas deste apego:

“Não se pode perceber a forma verdadeira desta árvore neste mundo. Ninguém pode entender onde ela termina, onde ela começa ou onde está sua raiz. Mas com determinação deve-se derrubar esta árvore com a arma do desapego. Fazendo isso, deve-se buscar este lugar ao qual, tendo-se chegado uma vez, nunca se retorna, e ali render-se a esta Suprema Personalidade de Deus, a partir de quem tudo começa e em quem tudo permanece desde tempos imemoriais”.

A Personalidade de Deus, que é plenamente cōscio de tudo que existe em Sua criação informa-nos para nosso próprio benefício que precisamos desejar livrar-nos desta existência material. Precisamos desapegar-nos de todas as coisas materiais. Para tirar o melhor partido de qualquer má situação, devemos espiritualizar em cem por cento nossa existência material através da associação constante com a mensagem de Kṛṣṇa, com Seus devotos e Seus nomes. Portanto, todos que se ocupam ordinariamente em assuntos materiais podem obter o benefício mais elevado deste Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa. Todos os tipos de esforços espirituais estão mais ou menos impregnados de contaminação material. No entanto, o serviço devocional puro é transcendental a toda a contaminação. Não necessitamos adotar artificialmente os princípios do materialismo, necessitamos unicamente fixar nossas mentes nos pés de lótus do Senhor Supremo, a Suprema Personalidade de Deus, Sri Kṛṣṇa.

6. Adotando a consciência de Kṛṣṇa

Na Índia todas as escrituras e mestres espirituais eminentes, incluindo Śaṅkarācārya, um impersonalista, aceitam Kṛṣṇa como o Senhor Supremo. No começo de seu comentário sobre o *Bhagavad-gītā*, Śaṅkarācārya diz que Nārāyaṇa é transcendental a esta criação manifesta e imanifesta, e no mesmo comentário diz que a Suprema Personalidade de Deus, Nārāyaṇa, é o Kṛṣṇa que aparece como o filho de Devakī e Vasudeva. Desta maneira, há pouca divergência de opiniões sobre Kṛṣṇa a este respeito. Aqueles que são autoridades, sejam personalistas ou impersonalistas, concordam que Kṛṣṇa é o Senhor Supremo.

Quando Kṛṣṇa esteve presente neste planeta, Ele provou com Suas atividades e opulências que Ele é o Senhor Supremo. Se estamos realmente ansiosos por compreender quem e o que é o Senhor Supremo, as literaturas védicas dão-nos todas as informações. Se utilizarmos tudo que possuímos para compreender Deus, Kṛṣṇa provará que Ele é a Suprema Personalidade de Deus. Se apenas aceitarmos este único fato, então toda a nossa educação estará completa. A pesquisa para tentar descobrir quem é Deus esta em voga, mas isto não é necessário. Deus mostra-Se presente, e Ele Mesmo diz:

*mattaḥ parataram nānyat / kiñcid asti dhanañjaya
mayi sarvam idam protam / sūtre maṇi-gaṇa iva*

“Ó conquistador de riquezas (Arjuna), não há verdade superior a Mim. Tudo repousa em Mim, assim como as pérolas ensartadas em um cordão” (*Bhagavad-gītā* 7.7).

Não só o *Bhagavad-gītā* dá esta informação mas outras escrituras também, e ela tem sido aceita desde o princípio por grandes *ācāryas* (mestres) como Śaṅkarācārya, Rāmānujācārya, Madhvācārya, Senhor Caitanya e muitas outras abalizadas autoridades. Mesmo no momento atual aqueles que não aceitam Kṛṣṇa como o Senhor Supremo, aceitam o conhecimento que Kṛṣṇa deu a Arjuna. De modo que assim eles aceitam Kṛṣṇa indiretamente. Se uma pessoa aceita o *Bhagavad-gītā* como um grande livro de conhecimento, ela também está aceitando Kṛṣṇa. Não há dúvida de que a Suprema Verdade Absoluta é Kṛṣṇa e que temos nossa relação eterna com Ele.

Nossa relação eterna com Deus é *sabhājana*: Deus é grande e nós somos subordinados. Ele é o predomador e nós somos os predominados. O dever do subordinado é agradar ao predomador. De modo semelhante, se queremos ser felizes, temos que aprender a como fazer Kṛṣṇa feliz. Este é o processo da consciência de Kṛṣṇa.

Mas de que forma podemos saber se o Senhor Supremo Se satisfaz com nosso serviço e nossos esforços? Na realidade, é possível que aperfeiçoemos nosso serviço ou dever ocupacional. Cada indivíduo tem um serviço a executar de acordo com suas designações. Ele pode ser indiano, americano, hindu, muçulmano ou cristão; homem, mulher, *brāhmaṇa*, *ksatriya*, *vaiśya*, *śūdra* ou o que quer que seja — em qualquer caso ele está destinado a executar algum tipo de trabalho, e este trabalho é seu dever ocupacional. Podemos verificar o nível de perfeição de um dever observando se o Senhor Se satisfaz com sua execução. O mestre espiritual, o representante do Senhor, pode atestar a satisfação do Senhor Supremo. Por conseguinte, é importante buscar um representante verdadeiro da Suprema Personalidade de Deus e trabalhar sob sua orientação. Se ele estiver satisfeito, então devemos saber que o Senhor Supremo também está satisfeito. Isto é explicado por Viśvanātha Cakravartī Ṭhākura:

*yasya prasādād bhagavat-prasādo
yasyāprasādān na gatiḥ kuto 'pi
dhyāyam stuvāms tasya yaśas tri-sandhyam
vande guroḥ śrī-caraṇāravindam*

“Pela misericórdia do mestre espiritual somos abençoados com a misericórdia de Kṛṣṇa. Sem a graça do mestre espiritual não se pode fazer nenhum avanço. Portanto, devo lembrar-me sempre do mestre espiritual. Pelo menos três vezes por dia devo oferecer minhas respeitadas reverências aos pés de lótus de meu mestre espiritual” (*Śrī Gurvaṣṭaka*, Verso 8).

O mestre espiritual é o representante do Senhor Supremo. Como ele se torna o representante? Se alguém diz que um determinado objeto é um par de óculos, e ensina isto a seus discípulos, não há equívocos quanto à identificação do objeto. O mestre espiritual é aquele que recebe as palavras de uma sucessão discipular particular. No caso dado a palavra chave é “óculos” — isto é tudo. O mestre espiritual não tem que dizer nada além disso. Esta é a qualificação. Kṛṣṇa diz: “Eu sou o Supremo”, e o mestre espiritual diz: “Kṛṣṇa é o Supremo”. Não é que para ser mestre espiritual ou representante de Kṛṣṇa a pessoa tenha que ter alguma aptidão

extraordinária. Ela tem simplesmente que transmitir a mensagem da autoridade como ela é sem nenhuma interpretação pessoal. Logo que haja alguma interpretação pessoal, a mensagem se perde e as instruções se tornam ofensivas. Deve-se rejeitar imediatamente uma pessoa que interpreta as escrituras de acordo com seus próprios caprichos.

Uma vez o Senhor Caitanya Mahāprabhu disse: “Vocês devem pelo menos ter a capacidade suficiente para verificar e descobrir quem é um mestre espiritual e quem não é”. Por exemplo, se queremos obter alguma coisa, devemos pelo menos ter uma idéia do que é essa coisa, pois do contrário seremos enganados. Se quisermos comprar uma manga no mercado, teremos pelo menos que saber que tipo de alimento é uma manga e como ela é. Analogamente, devemos ter certo conhecimento preliminar das qualificações de um mestre espiritual autêntico. O próprio *Bhagavad-gītā* (4.1-3) dá alguma informação sobre a sucessão de mestres espirituais, O Senhor Kṛṣṇa diz: “Eu ensinei esta ciência imperecível da *yoga* ao deus do sol, Vivasvān, e Vivasvān a ensinou a Manu, o pai da humanidade, e Manu, por sua vez, a ensinou a Ikṣvāku. Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na desta maneira. Mas com o passar do tempo a sucessão se rompeu e por isso a ciência como ela é parece estar perdida. Esta antiquíssima ciência da relação com o Supremo é falada hoje por Mim a ti porque és Meu devoto bem como Meu amigo, portanto, podes compreender o mistério transcendental desta ciência”.

Esta sucessão discipular original se rompeu, mas agora podemos receber a mesma mensagem estudando o *Bhagavad-gītā*. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa fala a Arjuna exatamente como falou ao deus do sol num passado muito remoto. Se aceitarmos as palavras de Kṛṣṇa e Arjuna, será possível que compreendamos o *Bhagavad-gītā*, mas se quisermos interpretá-lo a nosso próprio modo, o resultado será disparatado. A melhor maneira para compreender o *Bhagavad-gītā* é aceitar um mestre espiritual autêntico. Isto não é muito difícil.

Arjuna diz que aceita tudo que Kṛṣṇa tenha lhe dito porque Kṛṣṇa é a Suprema Personalidade de Deus.

“Arjuna disse: Meu querido Kṛṣṇa, ó pessoa infalível, agora minha ilusão se foi. Recobrei minha memória por Vossa misericórdia, e agora estou firme e livre de dúvidas e estou preparado para agir de acordo com Vossas instruções” (*Bhagavad-gītā* 18.73).

Assim como Arjuna devemos aceitar Kṛṣṇa como a Suprema Personalidade de Deus e fazer o que Ele diz: “Ó filho de Kuntī, tudo que fizeres, tudo que comeres, tudo que ofereceres e presenteares, bem como todas as austeridades que executares, tudo deve ser feito como uma oferenda a Mim” (*Bhagavad-gītā* 9.27).

Se aceitarmos Kṛṣṇa com este espírito, poderemos alcançar o conhecimento completo. Entretanto, se não aceitarmos Kṛṣṇa e interpretarmos o *Bhagavad-gītā* a nosso próprio modo, então tudo estará arruinado.

Se formos sinceros conseguiremos um mestre espiritual sincero pela graça de Kṛṣṇa. No entanto, se quisermos ser enganados, Kṛṣṇa nos enviará um enganador, e seremos enganados por toda a nossa vida. Estas coisas estão realmente acontecendo. Para aqueles que não querem compreender Kṛṣṇa como Ele é mas querem compreendê-LO por meio de suas próprias visões imperfeitas, Kṛṣṇa, Deus, permanece desconhecido.

O processo total consiste em aceitar Kṛṣṇa e Suas instruções e assim prestar-Lhe serviço devocional. Śrīmatī Rādhārāṇī é a própria corporificação do serviço devocional perfeito. No *Brahma-saṁhitā* Rādhārāṇī é descrita como a expansão da potência espiritual de Kṛṣṇa. Deste modo, Ela não é diferente de Kṛṣṇa. As *gopīs*, que cuidam de Rādhā e Kṛṣṇa, não são mulheres ou meninas comuns; elas são expansões da potência de prazer de Kṛṣṇa. Nunca se deve aceitar Rādhārāṇī e as *gopīs* como mulheres comuns, na verdade, para compreendermos a posição delas precisamos da orientação de um mestre espiritual. Se nós, entidades vivas, quisermos realmente nos associar com Rādhārāṇī, isto será possível, muito embora Ela não seja uma mulher comum. Podemos nos tornar associados de Rādhārāṇī qualificando-nos no serviço devocional avançado.

No serviço devocional não há frustração, mesmo que só executemos um pouco de serviço devocional, este desenvolver-se-á, O serviço devocional nunca se perde. Quanto às coisas materiais, tudo o que conseguimos no mundo é perdido quando o corpo termina. Mas como somos centelhas espirituais eternas, nossos bens espirituais nos acompanham, frutificando gradualmente. Dessa maneira, aqueles que cultivaram a consciência transcendental anteriormente entram em contato com a consciência de Kṛṣṇa através deste movimento. O interesse na consciência de Kṛṣṇa não é um lugar comum. No *Bhagavad-gītā* se diz que dentre milhões e bilhões de pessoas, apenas uma está interessada em alcançar a perfeição. Se anunciássemos que simplesmente por ler este livro e por meditar durante quinze minutos, qualquer pessoa pode obter imediatamente o poder, ter êxito nos negócios e passar nos seus exames, muitas pessoas seriam atraídas pelo livro. As pessoas não sentem atração pela consciência de Kṛṣṇa porque preferem ser

enganadas por *māyā*. Elas pensam que a perfeição da vida é consumir grande quantidade de comida, ou dormir vinte horas, ou ter um novo companheiro todas as noites e todos os dias. As pessoas estão interessadas nessas coisas, e não na perfeição da vida.

Todo homem inteligente deveria pelo menos experimentar a consciência de Kṛṣṇa. Ele deveria dizer: “Muito bem. Durante tantas vidas tenho desfrutado deste comer e dormir. Pude desfrutar dessas coisas em meus corpos de pássaro e de animal. Agora nesta vida deixe-me restringir os quatro princípios de vida animal — comer, dormir, defender-se e acasalar-se e deixe-me dedicar meu tempo a desenvolver a consciência de Kṛṣṇa. Dessa maneira, minha vida será bem sucedida”.

Não pense que forjamos este termo “consciência de Kṛṣṇa”. Consciência de Kṛṣṇa é a expressão mais antiga na história do mundo: “Pensa sempre em Mim e torna-te Meu devoto. Adora-Me e oferece tuas homenagens a Mim. Desse modo virás a Mim sem falta. Eu te prometo isso porque és Meu amigo muito querido. Ocupa tua mente sempre em pensar em Mim, e torna-te Meu devoto; oferece-Me reverências e Me adora. Absorvendo-te completamente em Mim, seguramente virás a Mim”. (*Bhagavad-gītā* 18.65 e 9.34).

A frase *man-manā bhava mad-bhakto* significa “sê sempre consciente de Mim”. Ora, isto é consciência de Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* Kṛṣṇa diz repetidamente que devemos adorá-LO, oferecer-Lhe reverências e então vir a Ele. O *Bhagavad-gītā* indica claramente a absoluta necessidade da consciência de Kṛṣṇa, e o *Bhagavad-gītā* é aceito como a essência dos *Upaniṣads*. Mesmo a partir do ponto de vista histórico o *Gītā* é incomparável. Com base em evidências arqueológicas, calcula-se que Kṛṣṇa falou o *Bhagavad-gītā* no Campo de Batalha de Kurukṣetra há mais de 5.060 anos atrás. Por isso, este Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa, mesmo sob o ponto de vista histórico, tem 5.000 anos de idade. Sua filosofia é a mais antiga na história do mundo. Se desejarmos remontar ainda mais a seus primórdios, descobriremos que Śrī Kṛṣṇa a falou ainda antes ao deus do sol. Kṛṣṇa é eterno e a consciência de Kṛṣṇa também é eterna. Devemos nos aproximar da consciência de Kṛṣṇa dessa maneira, não deve ser considerada uma simples teoria.

Quando alguma outra consciência cobre a consciência de Kṛṣṇa, experimentamos nossas vidas condicionadas e contaminadas. Quando o céu está claro, podemos ver a brilhante refulgência do sol, mas quando as nuvens o cobrem, não podemos vê-la. Talvez sejamos capazes de perceber a luz do sol, mas não podemos ver o disco solar em si. Quando o céu está claro, está em sua condição natural. Analogamente, nossa consciência é eternamente a consciência de Kṛṣṇa porque somos eternamente partes integrantes de Kṛṣṇa. Isto, está declarado no Décimo Quinto Capítulo do *Bhagavad-gītā* (15.7): “As entidades vivas neste mundo condicionado são Minhas eternas partes fragmentárias. Devido à vida condicionada, elas estão lutando arduamente com os seis sentidos, dentre os quais, a mente está incluída”.

De um modo ou de outro entramos em contato com a natureza material, e por causa da mente e dos seis sentidos, lutamos arduamente para existir. Esta é a teoria de Darwin a luta pela vida, a sobrevivência dos mais fortes. No entanto, o fato real é que nossa posição constitucional não é lutar. Lutar é a posição da vida animal. A vida humana deve ser bem-aventurada e deve ter o avanço espiritual como sua meta. Houve um tempo na Índia em que este era o princípio da vida, e havia uma classe de pessoas, os *brāhmaṇas*, que se ocupavam exclusivamente da cultura espiritual.

Embora a vida cultural bramânica esteja enunciada nas escrituras da Índia, ela não é unicamente para os indianos, mas para todos os seres humanos. Os *Vedas* foram escritos para toda a humanidade, mas aconteceu que quando os *Vedas* foram escritos a única cultura existente era a cultura que hoje é conhecida como cultura indiana. Naquela época o planeta inteiro se chamava Bhāratavarṣa por causa do imperador Bharata Mahārāja, o filho de Ṛṣabhadeva. Bharata Mahārāja governava todo o planeta, mas gradualmente o planeta se dividiu. Portanto, o *dharma* da cultura védica não deve ser considerado simplesmente indiano ou hindu em um sentido sectário.

Muitas vezes traduz-se a palavra *dharma* com o significado de religião, mas conceber *dharma* como religião é ter um conceito errado da palavra. No uso geral, a palavra religião se refere a um tipo de fé particular. A palavra *dharma* não se refere a um tipo de fé particular. *Dharma* indica a ocupação natural da entidade viva. Por exemplo, onde quer que haja fogo, há calor e luz, de modo que se pode dizer que o calor e a luz são o *dharma* do fogo. O fogo não pode mudar seu *dharma*. Da mesma maneira a liquidez é qualidade intrínseca da água, e não se pode mudar esta qualidade. Caso contrário, já não pode ser considerada água. Nunca se pode mudar o *dharma* da alma individual, e este *dharma* é o dever ocupacional de prestar serviço ao Senhor Supremo. As fés e religiões podem mudar. Hoje posso ser um hindu, mas amanhã posso me converter num cristão ou num muçulmano. Desse modo, pode-se mudar a fé, mas o *dharma* é um dever natural, uma ocupação ou conexão natural.

Kṛṣṇa diz que tão logo haja uma discrepância no cumprimento dos *dharmas* das entidades vivas, quando há um aumento de atividades inaturais, Ele desce. Um dos propósitos principais de Sua descida é restabelecer os princípios religiosos. O melhor sistema religioso é aquele que melhor nos treina a render-

nos ao Senhor Supremo. Este é o princípio básico que se evidencia no *Bhagavad-gītā*. Podemos escolher nossa própria religião e ser hindus, muçulmanos, budistas, cristãos ou o que quer que seja, contanto que saibamos qual é o verdadeiro objetivo da religião. Na verdade, o *Śrīmad-Bhāgavatam* não recomenda que renunciemos à nossa presente religião, mas indica o propósito da religião. Este propósito é amar a Deus, e a religião que melhor nos ensina a como amar o Senhor Supremo é a melhor religião.

Especialmente nesta era, há uma decadência geral na consciência da massa popular. Poucas pessoas se lembram de que existe um Deus, mas a maior parte das pessoas estão se esquecendo dEle. Por esse motivo, elas não podem ser felizes. As pessoas pensam que Deus está morto, ou que não temos obrigação para com Deus, ou que Deus não existe. Este tipo de pensamento nunca levará à felicidade. Quando a civilização está sem Deus ou é ateísta, como o é hoje em dia, Deus ou Seu representante vêm para fazer as pessoas lembrarem-se de sua relação com a consciência suprema.

Quando Sanātana Gosvāmī perguntou ao Senhor Caitanya: “Quem sou eu? Por que estou sempre numa condição miserável? Qual é a posição de todas as entidades vivas?”, Sri Caitanya Mahāprabhu, respondeu imediatamente que nossa verdadeira identidade é a de servos de Deus. Não devemos interpretar a palavra “servo” no sentido de servo materialista. Converter-se num servo de Deus é uma posição elevada. As pessoas estão sempre tentando conseguir um cargo no governo, ou uma posição em uma firma de negócios de boa reputação, porque o serviço que se presta em tais posições merece bons lucros. Embora estejamos muito ansiosos por conseguir boas posições no serviço governamental, não paramos para pensar em obter boa posição no serviço a Deus. Deus é o governo de todos os governos.

O serviço a Deus se chama *dharma*. Pode-se descrever este *dharma* de formas diferentes em países diferentes de acordo com suas diferentes condições ou situações culturais e climáticas, mas em toda escritura religiosa se ensina a obediência a Deus. Nenhuma escritura diz que Deus não existe ou que nós como entidades vivas somos independentes—nem a Bíblia, nem o Alcorão, nem os *Vedas* nem tampouco as literaturas budistas. Geralmente, de acordo com a filosofia budista, não há alma individual nem alma suprema, mas na verdade, uma vez que as literaturas védicas aceitam o Senhor Buddha como uma encarnação de Deus, a pessoa que obedece ao Senhor Buddha está realmente obedecendo a Deus. No *Śrīmad-Bhāgavatam* há uma lista de encarnações, e o Senhor Buddha é aceito como uma delas. Vyāsadeva compilou o *Śrīmad-Bhāgavatam* há 5.000 anos atrás, e o Senhor Buddha apareceu há cerca de 2.600 anos atrás, de modo que na verdade o *Śrīmad-Bhāgavatam* previu o evento de sua encarnação. O Senhor Buddha pregava que Deus não existe nem tampouco a alma, que este corpo é uma combinação de matéria, e que quando dissolvermos essa combinação material, as sensações de miséria e felicidade já não existirão. Então Śaṅkarācārya apareceu para pregar que o aspecto externo do Brahman, o corpo, não passa de uma ilusão. Em todas as religiões há a adoração no templo e a aceitação da autoridade. Podemos aceitar Kṛṣṇa ou o Senhor Jesus Cristo, ou Jeová, ou o Senhor Budha, ou Śaṅkarācārya, ou Guru Nanak, mas de qualquer modo é necessário aceitar a autoridade.

No *Bhagavad-gītā* o Senhor Śrī Kṛṣṇa é aceito como a autoridade suprema. Algumas vezes Kṛṣṇa desce pessoalmente, e algumas vezes Ele desce através de Suas encarnações. Algumas vezes Ele desce como vibração sonora, e algumas vezes Ele desce como um devoto. Há muitas categorias diferentes de *avatāras*. Nesta era atual Kṛṣṇa desceu em Seu santo nome: Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. O Senhor Caitanya Mahāprabhu também confirmou que nesta era de Kali, Kṛṣṇa desceu na forma da vibração sonora. O som é uma das formas que o Senhor aceita. Por esse motivo se afirma que não há diferença entre Kṛṣṇa e Seu nome.

Hoje em dia as pessoas estão esquecidas de sua relação com Deus, mas esta encarnação de Kṛṣṇa na forma de Seus santos nomes, este cantar de Hare Kṛṣṇa, libertará todas as pessoas do mundo de seu esquecimento. O Senhor Caitanya Mahāprabhu diz que se cantarmos ou nos associarmos com o cantar dos santos nomes de Kṛṣṇa, alcançaremos o mais elevado estágio perfectivo da vida. De acordo com o *Śrīmad-Bhāgavatam*, há diferentes processos para eras diferentes, mas o princípio de cada processo permanece válido em todas as eras. Não é que o cantar de Hare Kṛṣṇa seja efetivo nesta era e na Satya-yuga não. Nem tampouco que as pessoas não cantavam os santos nomes de Kṛṣṇa na Satya-yuga. Na Satya-yuga a meditação era o processo principal, e os grandes *munis* meditavam durante períodos que se estendiam por mais de 60.000 anos. No entanto, nesta era a perfeição através do método de meditação não é possível porque temos vidas muito curtas. Conseqüentemente nesta era se recomenda especialmente que sentemos todos juntos e cantemos Hare Kṛṣṇa. É muito fácil e todos podem participar. Não há necessidade de educação, nem se requer nenhuma qualificação prévia. Além disso, nesta era as pessoas são muito indolentes e desventuradas, e estão contaminadas de má associação. Caitanya Mahāprabhu introduziu o cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare - como um esplêndido meio de propaganda para espalhar o amor a Deus. Não se pense que este processo

Elevação à Consciência de Kṛṣṇa

seja recomendado apenas para a Kali-yuga. Na verdade, ele é recomendado para todas as eras. Sempre houve muitos devotos que cantaram e alcançaram a perfeição em todas as eras. Esta é a beleza deste Movimento para a Consciência de Kṛṣṇa. Ele não é simplesmente para uma era ou para um país, ou para uma classe de pessoas. Qualquer homem em qualquer posição social, em qualquer país e em qualquer era, pode cantar Hare Kṛṣṇa, pois Kṛṣṇa é o Senhor Supremo de todas as pessoas de todas as posições sociais, de todos os países e de todas as eras.